

Adriano Cobalchini

**A ESPIRITUALIDADE TRINITÁRIA DO PRESBÍTERO  
DIOCESANO**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Teologia da Faculdade Católica de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Bacharel em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Valter Maurício Goedert

Florianópolis  
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de  
Geração Automática da Biblioteca Dom Afonso Nihues da FACASC

Cobalchini, Adriano

Espiritualidade Trinitária do Presbítero Diocesano/ Adriano Cobalchini;

Orientador: Dr. Valter Maurício Goedert – Florianópolis, SC, 2022.

75 p.

TCC (Graduação – Teologia) – Faculdade Católica de Santa Catarina.

Inclui referências:

1. Presbítero. 2. Pai. 3. Filho 4. Espírito Santo.

Adriano Cobalchini

**A ESPIRITUALIDADE TRINITÁRIA DO PRESBÍTERO  
DIOCESANO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 08 de agosto de 2022.

---

Prof. Dr. Edson Adolfo Deretti  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Valter Maurício Goedert  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
Orientador

---

Prof. Dr. Vitor Galdino Feller  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
Avaliador

---

Prof. Dr. Domingos Volney Nandi  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
Avaliador



Dedico este Trabalho a Deus; aos meus pais Dilvo e Helena; aos meus colegas de turma, amigos e irmãos de caminhada vocacional.



## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus Uno e Trino, autor de todas as coisas e concessor da sabedoria, por ter estado comigo em todos os momentos e iluminado nas minhas decisões, pelo Dom da vida e pelo chamado que me fez.

À minha querida família que, mesmo distante, me ama e me incentiva em todos os momentos da minha vida.

Aos que são verdadeiros amigos, em especial aqueles que me acompanharam nestes quatro anos de estudos teológicos e que deram apoio e ânimo, quando assim, precisei.

À diocese de Joaçaba que possibilitou minha formação, em especial ao meu formador da Teologia Pe. Valdir Clemente Goedert, da diocese de Lages.

A todos os professores da FACASC, particularmente ao Pe. Valter Goedert, que com disponibilidade aceitou orientar este trabalho, e a Patrícia, diretora acadêmica pela sua disponibilidade e contribuições.

A todos que de forma direta ou indireta contribuíram para que eu tivesse condições necessárias para chegar até este presente momento.

A todos, o meu muito obrigado!!!





“A Trindade é o amor que salva e recria o mundo”  
(Papa Francisco)



## RESUMO

O presente trabalho, tomando por consciência os desafios atuais para a formação do futuro presbítero diocesano, na qual deseja seguir o modelo da comunhão Trinitária, procurará desenvolver uma reflexão baseada na profunda comunhão com o mistério da Santíssima Trindade, que tem como meta a boa missão do presbítero em todas as suas dimensões. Desta forma, vai ser no mistério de Deus uno e trino que o presbítero vai encontrar o sentido de seu ser mais íntimo, sua unidade interior pessoal e a coesão de sua ação. Assim como toda a Igreja tem sua origem, seu sentido e sua meta na Trindade, também o presbítero vem da Trindade, vive na Trindade e vai para a Trindade. Para tal ensejo, basear-se-á principalmente em alguns livros, nos documentos da própria Igreja, em sites e em algumas diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil.

**Palavras-chave:** Presbítero. Pai. Filho. Espírito Santo. Comunhão Trinitária.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

At – Atos dos Apóstolos

Ap – Apocalipse

CDC – Código de Direito Canônico

CIgC – Catecismo da Igreja Católica

Cl – Colossenses

DAP – Documento de Aparecida

Ef - Efésios

Fl – Filipenses

Gal – Gálatas

Heb – Hebraico

Hb – Hebreus

Is – Isaias

Jo – João

Lc - Lucas

LG – Lumen Gentium

Mt – Mateus

PO - Presbyterorum Ordinis

Rm – Romanos

Sm - Salmo

2Tm -Segunda Carta a Timóteo

(A) e (Ω) - Alfa e Ômega que no alfabeto Grego representa “princípio e fim”



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>2 O PRESBÍTERO DIANTE DE DEUS PAI.....</b>	<b>19</b>
2.1 QUEM É O PAI CRIADOR. ....	20
2.2 QUEM É O PAI PROVIDÊNCIA .....	25
2.3 QUEM É O PAI PERDÃO .....	30
<b>3 O PRESBÍTERO DIANTE DE JESUS CRISTO.....</b>	<b>35</b>
3.1 O PRESBÍTERO INSERIDO NO HOJE DE CRISTO REDENTOR.....	37
3.2 O PRESBÍTERO QUE SEGUE A CRISTO BOM PASTOR.....	41
3.3 O PRESBÍTERO QUE APRENDE DE CRISTO COMO SER SERVIDOR.....	45
<b>4 O PRESBÍTERO DIANTE DE DEUS ESPÍRITO SANTO.....</b>	<b>52</b>
4.1 COMO O PRESBÍTERO PODE SER SANTIFICADOR .....	55
4.2 COMO O PRESBÍTERO PODE SER ANIMADOR .....	57
4.3 COMO O PARÁCLITO INFLUÊNCIA NA VIDA DO PRESBÍTERO.....	62
<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>70</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>72</b>





## 1 INTRODUÇÃO

Diante da sociedade hodierna cada vez mais tecnicista, individualista e competitiva, que prioriza a formação de seus colaboradores, a Igreja percebe também a importância de preparar bem todos os seus fiéis, principalmente seus agentes da evangelização, os presbíteros.

Nesse trabalho monográfico, será tratado sobre a Espiritualidade Trinitária do Presbítero diocesano. Sem dúvida alguma, é um tema que chama muito a atenção pela importância que tem para o tempo atual. E para assim é preciso delinear alguns critérios para pôr em evidência qual é a espiritualidade do presbítero diocesano. Esse trabalho será fundamentado na Sagrada Escritura, nos Documentos da Igreja e de Padres que escreveram sobre o assunto e de presbíteros que através de sua vida, testemunharam e testemunham com muita radicalidade o ser presbítero, Bom-Pastor, segundo o coração de Jesus manso e humilde de coração.

Esse trabalho terá três capítulos que esclarecerão como o presbítero diocesano em seu cotidiano pode desempenhar um bom trabalho como padre uma vez no mundo para ser essa presença da Santíssima Trindade.

No primeiro capítulo, estará presente o presbítero diante de Deus Pai, no qual se perguntará quem é o Pai Criador, Providência e perdão. Ele aprenderá também com o Pai seu modo de agir e exercer o seu ministério. E nesta relação amorosa com Deus Pai é que ele descobrirá a beleza de sua paternidade, pois ser padre é ser pai não só no sentido sacramental, mas no cuidado e no companheirismo. Também se falará muito que o presbítero deve ser um homem de Deus de forma a tratar-se de fazer que Deus seja Deus no mundo, através de sua ação.

No segundo capítulo, será tratado do presbítero diante de Jesus Cristo, inserido no hoje, que segue a Cristo Bom Pastor e aprende de Cristo ser servidor. Além do mais é aquele que participa da autoridade de Jesus seguindo o seu mandato de ser presença do próprio Senhor entre seu povo, ou seja, o agir "*in persona Christi*", na vivência do Reino de Deus entre o seu povo.

Deverá imitar, em primeiro lugar, Jesus o bom Pastor, na sua simplicidade e humildade na fidelidade ao Pai pelos irmãos e irmãs. O Padre deve ser um outro Cristo, mas ao mesmo tempo, deve ser semelhante ao Cristo. O presbítero é alguém tirado do meio do povo para depois estar novamente no meio do povo para servir. Não é alguém que está longe, mas inserido no mundo e em todos os lugares onde sua presença testemunhará o amor e a ternura do Bom Pastor entre as suas ovelhas que estão longe do aprisco, da própria Igreja.

No terceiro capítulo será abordado o presbítero diante do Espírito Santo, como ele pode ser santificador, animador, e como o Paráclito terá influência na sua vida. É por meio deste Espírito que o presbítero deverá buscar o alimento, as luzes e a força para seu ministério. Podemos perceber também a grande importância do Espírito Santo pois, sem ele não teríamos Igreja, ministérios ordenados, e a fé em Jesus Cristo.

É pelo sacramento da Ordem que o padre é ungido pelo poder do Espírito Paráclito para continuar a dar-se ao Corpo místico de Cristo, mediante uma ação invisível, o presbítero se torne animador e una a todos em torno do único Pastor, Jesus. Refletirei também neste capítulo sobre os carismas que o Espírito concede e suscita no coração e na vida das pessoas de forma que cada um possa utilizar da melhor forma para o crescimento da comunidade de fé.

Portanto, esse trabalho tem como objetivo colocar com maior clareza e sentido na espiritualidade do presbítero diocesano, sabendo de sua rica e profunda identidade e da missão que desempenha por meio do ministério ordenado na vida da Igreja. Correspondendo a esse chamado com fidelidade se verá, acima de tudo, brilhar no rosto desses homens a santidade e a presença amorosa da Santíssima Trindade, pois o mundo precisa de homens capazes de ser e de sinalizar a presença de Deus.

## 2 O PRESBÍTERO DIANTE DE DEUS PAI

O presbítero está sempre diante de Deus Pai, pois é através dessa intimidade que ele aprende a ser padre segundo o coração de Jesus. Colocando-se diante da paternidade de Deus conseqüentemente aprenderá a agir como um pai e assim poderá exercer seu ministério. Além do mais, percebemos isso no primeiro mandamento: amar a Deus sobre todas as coisas, como o próprio Jesus respondeu: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito (Dt 6,5) sendo este o primeiro e o maior mandamento”<sup>1</sup>

Jesus de Nazaré foi o revelador de seu Pai e nosso Pai criador do mundo e senhor da história, Ele é na eternidade, o Pai do Filho amado que foi gerado e não criado no amor unitivo e distintivo do Espírito Santo. Por isso, quando o Filho de Deus se encarnou no ventre de Maria quis, revelar o Pai para O fazer conhecido, glorificado e amado no mundo. Percebemos que tudo o que acontecia na vida do Filho estava voltado para o Pai: a vontade do Pai, as obras do Pai, o Reino de Deus Pai. Jesus nos mostrou também que o Pai cuida de seus filhos muito mais que as aves que ele alimenta, sem que estas precisem plantar ou dos lírios do campo que crescem sem trabalhar (Mt 6,26-32).<sup>2</sup>

Diante disso o presbítero deve ser para todas as pessoas, sinal de referência amorosa de Deus Pai, e que está sendo cada vez mais esquecido no mundo de hoje. O documento de Puebla diz que não se conseguirá realizar a fraternidade universal sem a referência filial ao Pai.

Da filiação em Cristo nasce a fraternidade cristã. O homem moderno não tem conseguido construir uma fraternidade universal na terra, porque procura uma fraternidade descentrada e sem origem comum. Esqueceu que os homens só têm uma maneira de se tornarem irmãos: reconhecer que provêm do mesmo Pai.<sup>3</sup>

O presbítero por sua vez deve ter consciência de estar diante de Deus Pai como um representante de sua paternidade e autoridade na sua relação com os irmãos e irmãs para que não se deixe iludir diante das

---

<sup>1</sup> FELLER, Vitor Galdino. **Ser Padre hoje**. São Paulo: Ave-Maria, 2013, p.47.

<sup>2</sup> FELLER, 2013, p. 48.

<sup>3</sup> PUEBLA. **A Evangelização no presente e no futuro da América Latina**. Vozes Ltda. 1980, n.241, p. 108.

idolatrias de poder, dos cargos, dos títulos, do autoritarismo, mas que o seu desejo seja de fato a obediência, a humildade, e a simplicidade.

Contudo, o presbítero em vez de desanimar com o escândalo do pecado, seu e do povo, ele deve ser um anunciador e praticante de outro escândalo: o escândalo da obediência a um Deus que é pobre e simples, que se revelou aos pequenos e que sempre está disposto a perdoar seus filhos. Assim deve ser o presbítero.

É somente na sua relação amorosa com Deus Pai que o presbítero descobre a beleza de sua paternidade, pois ser padre é ser pai. Não só no sentido sacramental dos bens sagrados, mas também no que se refere ao sentido afetivo da presença, do companheirismo, e do cuidado.

## 2.1 QUEM É O PAI CRIADOR.

A criação é obra da Santíssima Trindade, e logo de início podemos perceber que a Sagrada Escritura começa dizendo que “no princípio, Deus criou o céu e a terra” (Gn1,1). A criação é o fundamento de todos os desígnios salvíficos de Deus, e o começo da história da salvação que culmina em Cristo, além de exprimir também a sua bondade, a vocação do homem, o drama do pecado e a esperança da salvação. Afirma o Catecismo da Igreja Católica:

“No princípio era a Palavra [...] e a Palavra era Deus. Tudo foi feito por meio dela, e sem ela nada foi feito (Jo1,1-3). O Novo Testamento revela que Deus criou tudo por meio do Verbo Eterno, seu Filho bem-amado. Nele “foram criadas todas as coisas, no céu e na terra[...]. Tudo foi criado por ele e para ele. Ele existe antes de todas as coisas e nele todas as coisas têm consistência” (CI 1,16-17). A fé da Igreja afirma igualmente a ação criadora do Espírito Santo: Ele é o “doador de vida” o Espírito Criador (*Veni Creator Spiritus*) a fonte de todo bem.<sup>4</sup>

O Pai é o princípio sem princípio é a origem da fonte, aquele que comunica a sua consubstancialidade ao Filho e ao Espírito Santo. As pessoas são intrinsecamente entrelaçadas umas nas outras, desde que os três são três eternos eles vivem pericoreticamente (tudo em comunhão),

---

<sup>4</sup> CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000. p. 86; CIC 291.

jamais existiram separados. Nós nunca vamos ter as palavras, os conceitos para falar de Deus. Deus nos atrai nos fascina e quando tentamos pegá-lo, ele dá um passo a mais.

O Pai através do seu amor pelo Filho define-se como criador do mundo e conseqüentemente o Filho é a expressão do seu amor. E com isso Deus encontra sua complacência nele, e espera de sua imagem e semelhança, o homem criado, que seja feliz consigo mesmo e com seu Criador. A criação que tem origem da Trindade não provem apenas da vontade, mas também do amor eterno de Deus.<sup>5</sup>

Tudo o que foi criado está em função do Reino do Filho sendo ele o mediador da criação, e conseqüentemente está determinado a ser o “centro” da humanidade. No entanto, ele cria por força do Espírito Santo que é derramado sobre toda a criação, ou seja, é uma “emanação” de Deus. O mundo não foi gerado por Deus, como foi o Filho com o qual constituiu uma só essência, mas criado através de seu amor pelo Filho, na força do Espírito Santo.<sup>6</sup>

O Pai, o Filho e o Espírito Santo são três pessoas. “O Pai é pai, não Pai dos outros dois, mas do Filho único. Não são três Filhos, já que o Pai não é o Filho nem o Espírito Santo. Não são três Espíritos Santos, porque Espírito Santo não é Pai e nem Filho, mas pelo próprio significado é também chamado Dom de Deus”.<sup>7</sup>

No Credo Apostólico que geralmente professamos, Deus é designado por duas vezes como Pai. Primeiro na criação: “Eu creio em Deus Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra” e após a ascensão de Cristo: “Está sentado à direita de Deus Pai, Pai todo poderoso”. Então se Deus é o Pai todo-poderoso e senhor de todas as coisas, ele deve ser honrado como o Pai supremo, que é a autoridade mais alta no universo e as demais recebem o seu poder.<sup>8</sup>

Pode-se pensar em Deus Pai através de conceitos trinitários e não fazendo uma representação cosmológica, ou religiosa-política. Diante disso, o teólogo Moltmann afirma que:

---

<sup>5</sup> MOLTSMANN, Jurgen. **Trindade e Reino de Deus**. Tradução de Ivo Martinazzo /revisão da tradução Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 123.

<sup>6</sup> MOLTSMANN, 2000, p. 124.

<sup>7</sup> AGOSTINHO. **A Trindade**. Tradução do original latino e introdução Agostinho Belmonte; revisão e notas complementares Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1994, p. 247. (Patrística)

<sup>8</sup> MOLTSMANN, 2000, p. 171.

O Pai, através do Filho, pela força do Espírito Santo, cria o céu e a terra. Objetivamente a determinação trinitária do Pai precede a determinação cosmológica. Com isso, o processo da criação revela-se como uma obra da Trindade.<sup>9</sup>

O Filho é gerado pelo Pai e não criado, assim como foi criado o mundo, pois o Filho tem a mesma essência e natureza do Pai, o que não podemos dizer de nenhuma outra criatura e nem do homem.<sup>10</sup> Diante desse questionamento podemos nos perguntar: como o Pai gera o Filho? Nem os anjos possuem a resposta desse mistério e nem o próprio Filho falou da geração eterna do Pai, então é um mistério.

No que se refere à criação pode-se então entender que é fruto de uma sinergia amorosa dos três. Assim sendo a existência das criaturas angelicais, animais e os seres humanos existem da sinergia do amor dos três. Pode-se perceber que na própria criação tem-se os vestígios da Trindade que não são traços inertes, mas viventes, pois as próprias criaturas colaboram com sua origem se autocriam e evoluem.

Segundo a doutrina das processões intratrinitárias que era empregada nos tempos antigos tinha-se a ideia metafísica de origem, que a Trindade constitui a origem do mundo e que está concentrado no Pai. E que apesar da origem do Filho e do Espírito Santo a partir do Pai deve ser mantida essa originalidade com relação às pessoas caso contrário conduziria a uma solução monoteísta da Trindade.<sup>11</sup>

Quando se fala de Deus Pai criador falamos a partir de Jesus. Segundo o Evangelista João (1-18) que relata “Ninguém jamais viu, a Deus. O Filho único de Deus, que está junto ao Pai, foi quem no-lo deu a conhecer.”<sup>12</sup> É um mistério abissal sem fim, pois quanto mais se penetra no amor do Pai, mais se alargam os horizontes desse amor; e mesmo que não houvesse criação Deus seria Pai. A criação é fruto do transbordamento da Santíssima Trindade, pois o Pai amava Jesus antes da criação. O Pai é sempre Pai de nosso senhor Jesus, se o Pai é invisível o acesso a ele é através do Filho. Nós cristãos temos acesso a Deus Pai, pois conhecemos a Jesus.

Através da geração do Filho no amor, o Pai dá origem aos demais seres nele por ele para ele. Todas as coisas são crísticas, os animais, os

---

<sup>9</sup> MOLTSMANN, 2000, p. 172.

<sup>10</sup> MOLTSMANN, 2000, p. 173.

<sup>11</sup> MOLTSMANN, 2000, p. 174.

<sup>12</sup> BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1973; Jo 1,18.

vegetais, as plantas enfim todas as coisas são criadas por Deus, por meio do Filho. A razão de todas as criaturas existirem é a Santíssima Trindade, esse transbordamento do amor do Pai que gera o Filho na força do Espírito Santo. O Filho é concebido e gerado desde todos os séculos e nós somos criados a partir da geração eterna do Filho.

O ato de gerar e de criar em Cristo se explica pela fórmula “nele” e se completa por outra “por ele”. Assim tudo foi criado nele que é o primogênito de toda criatura (Cl 1,15) e por quem tudo existe. A criação tem como propósito a geração do Filho, sendo Cristo o alfa (A) e o ômega (Ω) da criação (Ap 21,6); o alfa no qual surgem as criaturas, e o ômega que as chama e as plenifica. O mundo nasce e existe pela atração criadora na direção do Filho e assim é criado por “chamamento”, uma vez que Deus chama à existência as coisas que não existem.<sup>13</sup>

Segundo a narração bíblica quando a criação saiu das mãos de Deus era boa, mas não diz nada sobre a existência na terra de um lugar paradisíaco, habitado por homens perfeitos. Contudo o homem só vai poder encontrar o paraíso ao longo da sua caminhada através do chamamento para a comunhão com Cristo, uma vez que o próprio Cristo prometeu ao ladrão o paraíso “Com ele nos ressuscitou e nos fez assentar nos céus, em Cristo Jesus” (Fl 3,20).<sup>14</sup>

No ato da criação Deus também conta com a ação do Espírito Santo que é o amor que o Pai tem pelo seu Filho. E é esse amor que faz com que a criação possa subsistir ao contrário desse amor que o egoísmo e o ódio trabalham para a destruição. Através de Cristo o mundo está em contato direto com Deus, pois Deus age na criação pelas causas segundas: “O pão que vem de suas mãos é fruto da terra e do trabalho dos homens; a criança, à qual Deus concede o ser e a vida, vem ao mundo por obra de seus pais; assim causas segundas regem o universo”<sup>15</sup>

Deus cria através do transbordamento de seu amor que se dá por dois movimentos: o primeiro é o de sair, do qual Deus sai na direção do Filho numa profunda e ardente plenificação, já o segundo movimento é o da atração, pois Deus saindo de si mesmo em direção a seu Filho e ao mundo acaba atraindo o Cristo que leva a sua humanidade, e o mundo que um dia vai estar com ele em sua glória. Esse fim se chamará Reino de Deus, onde a criatura é chamada a esse eterno nascimento. E esse

---

<sup>13</sup> DURRWELL, François-Xavier. **O Pai: Deus em seu mistério**. Tradução Benôni Lemos; revisão H. Dalbosco. São Paulo: Paulinas, 1990, p. 104.

<sup>14</sup> DURRWELL, 1990, p. 105.

<sup>15</sup> DURRWELL, 1990, p. 109.

transbordamento e atração fluxo e refluxo é próprio do Espírito, sopro de Deus em sua expiração e aspiração.<sup>16</sup>

Sendo assim, se Deus cria todas as coisas em seu Filho, o homem na sua essência é por criação ordenado para a salvação. O homem já nasce orientado para a salvação e não necessariamente ele precisa estar na ordem da salvação, dado que ele está nela pela criação. Ressalta-se que para ter acesso ao Reino de Deus se pressupõe a adesão a Cristo uma vez que ele é o caminho, a porta pela qual Deus concede a salvação dos homens.<sup>17</sup>

Diante dessa afirmação pode-se perguntar: As pessoas que não são atingidas pela pregação do Evangelho, aquelas que morrem sem o batismo e que não tiveram a fé em Cristo como então seriam salvas?

“Para essas pessoas ignorantes o Pai já providenciou como que um primeiro batismo de crianças, um pré-batismo fundamental: ele as criou no e em direção a seu Filho. Fiel à lógica de seu desígnio criador, ele encontrará o meio de levar a criação primeira àquele que é seu ápice, Cristo. Pelo menos na morte deve restar ao Pai a possibilidade de reunir no Filho único todos os seus filhos dispersos”.<sup>18</sup>

Foi também por isso que Deus criou o mundo sujeito à morte, para que pudesse levar as pessoas à sua plena criação. E as pessoas serão salvas através do chamamento criador que é a comunhão com o Filho, e caso recusem ir até Cristo não têm acesso à salvação. Assim sendo pela ação criadora de Deus o mistério começa com a encarnação do Filho que prepara a graça para a inabitação trinitária no coração dos fiéis.<sup>19</sup>

---

<sup>16</sup> DURRWELL, 1990, p. 112.

<sup>17</sup> DURRWELL, 1990, p. 118.

<sup>18</sup> DURRWELL, 1990, p. 119.

<sup>19</sup> DURRWELL, 1990, p. 121.



## 2.2 QUEM É O PAI PROVIDÊNCIA

Quando Deus cria o mundo através de suas duas mãos, ele não sai completamente acabado, mas em processo de caminhada (*in statu viae*), para chegar à perfeição. E isso, chamamos de divina providência que seriam as disposições pelas quais Deus conduz a sua criação à perfeição. Um exemplo é quando Jesus fala que “não devemos viver preocupados dizendo: ‘o que vamos comer? O que vamos beber? Como nos vamos vestir?’ os pagãos é que vivem procurando todas essas coisas. Vosso Pai que está nos céus sabe que precisais de tudo isso. Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão dadas por acréscimo” (Mt 6, 31-33).<sup>20</sup>

O Criador dá aos seres humanos não somente o existir, mas a liberdade e a dignidade de agirem de serem causas e princípios umas das outras cooperando com seu desígnio. Para os homens é concedido participar de sua providência, pela qual Deus confia a responsabilidade de submeter a terra e de dominá-la. Deus dá a liberdade para que eles possam completar a obra da Criação, e realizar a harmonia com seu próximo. Além disso, podem entrar no plano divino através de suas ações, orações e sofrimentos, tornando-se cooperadores de Deus e de seu Reino.<sup>21</sup>

Deus sendo o Pai providente faz com que todos através de sua obra salvífica cheguem à vida divina. Ele não age por impulso ou de modo desordenado, mas se comunica a nós pelo Verbo encarnado através de seu Filho Jesus Cristo, pelos apóstolos, e por todos aqueles que, na sequência prolongaram sua missão no tempo. Lá do alto Deus se comunica, e faz por meio daqueles que são associados, como ministros da atividade divina.

O presbítero está entre esses através dos quais o Pai se comunica. Yves Congar aponta duas exigências da missão do presbítero na intenção de ajudá-los a se tornarem mais aptos em vista da autocomunicação divina. A primeira delas: “que a Igreja seja realmente Igreja e o presbítero “homem de Deus”, porque embora a Igreja se construa com seres humanos e na terra, o seu fundamento está nos céus. As poucas coisas

---

<sup>20</sup> CATECISMO..., 2000, p. 90-91; CIC 302.

<sup>21</sup> CATECISMO..., 2000, p. 90-91; CIC 307.

que vemos aqui embaixo “São *sacramentum*, não a realidade de graça”.<sup>22</sup>

Por meio da missão que os presbíteros exercem seja pelo ministério da palavra, dos sacramentos e da caridade, eles são chamados a serem ministros das coisas do alto, “o ponto de junção da ordem da terra e da ordem do céu”.

A nossa função de pastores de almas engloba, com uma acentuação diversa segundo as circunstâncias e as vocações, uma atividade de chefe do povo e outra de puro apostolado espiritual. O que, precisamente, eu refuto, é que se sacrifique uma dessas atividades à outra e, sobretudo, a segunda à primeira. [...] essa é a tentação mais comum [...] e também, dos dois possíveis erros, o pior. Porque se a lei é necessária, se a forma é benfazeja, é preciso não perder de vista que a lei é para a graça, a forma é para o espírito, as instituições e os poderes são para as pessoas. A Igreja é feita de sacramentos e de homens, mas os sacramentos são para os homens, o sábado é para o homem, o quadro [de agentes pastorais] é para o serviço às consciências.<sup>23</sup>

Depois a segunda exigência na missão do presbítero para que ele comunique e possibilite a comunicação de Deus com as pessoas consiste no contato com os seres humanos e os acontecimentos. “Porque é nestes momentos de interação que os atos que compõem a Igreja não devem ser coisas em si, mas de alguém, pois se o dogma não for o pensamento vivo de uma pessoa, se o culto não for o culto de uma comunidade concreta, eles simplesmente não produzirão os frutos para os quais existem”.<sup>24</sup>

Assim espera-se que o presbítero se dedique às duas realidades sendo “homem de Deus e homem dos homens”. Vivendo sua pobre vida ele consiga manifestar o mistério de Deus encarnando a fé bíblica no

---

<sup>22</sup> EING, Ademir. **O ministério presbiteral em uma Igreja toda ministerial do pensamento de Yves Congar a responsabilidade do presbítero na promoção da ministerialidade eclesial**. Doutorado em teologia PUCPR, Curitiba, 2019, p. 150.

<sup>23</sup> EING, 2019, p. 151.

<sup>24</sup> EING, 2019, p. 151.

Deus vivo, ou seja, que ele se abra para a graça de Deus e que viva seu ministério e irradie com sua presença o amor de Deus. “Trata-se de fazer que Deus seja Deus no mundo.”<sup>25</sup>

A providência divina é uma verdade de fé que todos os seres humanos aprendem de Deus na história. Deus se manifesta nos nossos relacionamentos, um Deus trino que vive em harmonia perfeita e que se revela na natureza de duas formas: como Criador e Sustentador. Ou seja, Deus é a origem de todas as coisas: “porque nele foram criadas toda as coisas” e “todas as coisas subsistem por ele (Cl 1.16,17). E como criador Deus “sustenta todas as coisas pela palavra do seu poder” (Hb 1.2,3). Ele criou todas as coisas e por vontade dele todas as coisas “foram criadas” (Ap 4.11).<sup>26</sup>

Sendo a origem e o sustentador de todas as coisas Deus não esteve presente só na origem do mundo, Ele continua o tempo todo agindo no universo. À essa ação de Deus o salmista se refere, quando diz: “Tu que nos vales fazes rebentar nascentes que correm entre os montes [...] fazes crescer a erva para os animais e a verdura, para o serviço do homem, para que ele tire da terra o alimento” (Sl 104.10,14). Ainda dentro da providência divina têm ações permitidas por Deus, mas que Ele não deseja, como a origem do mal e a causa do pecado.<sup>27</sup>

O conceito de providência divina pode ser confundido com a ideia de providência na perspectiva humana. E diante disso Mondin<sup>28</sup> afirma: “Deus age providencialmente, não *preordenando* ou *prevendo*, mas agindo intencionalmente, por finalidades bem precisas, de modo

---

<sup>25</sup> EING, 2019, p. 151.

<sup>26</sup> ALVES, Leandro Eduardo. **Sobre a providência, as obras de Deus e a liberdade humana**. Google Acadêmico, 2010. Disponível em: <<https://repas.com.br/revista/index.php/repas/article/view/60>>. Acesso em: 19 fev. 2022.

<sup>27</sup> ALVES, 2010, p. 3.

<sup>28</sup> Battista Mondin nasceu em Vicenza, Itália, em 1926. É sacerdote do Instituto Xaveriano. Doutor em Filosofia e Religião junto à Harvard University, há vários anos é professor de filosofia na Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Urbaniana, em Roma. É autor de vasta obra bibliográfica, da qual Paulus Editora publicou: antropologia teológica, Curso de filosofia (três volumes), Grandes teólogos do século XX (dois volumes), Introdução à filosofia, O homem, que é ele?.

semelhante ao dos seres inteligentes quando realizam uma ação. A ação de Deus é vertical em relação aos fenômenos e ações criaturais.”<sup>29</sup>

Sendo um Pai providente Deus acompanha o destino de todo o universo e de cada criatura, na sua realização. Na criação Deus, coloca as criaturas na órbita do ser, e com a providência as acompanha para que se realizem o seu plano no universo espiritual e humano. O projeto que Deus tem para o mundo é tanto a priori (partindo de Deus) como a posteriori (partindo do mundo), A priori Deus é o criador do mundo e tem um projeto para a criação, não só de forma providente, mas providencial. A posteriori a intervenção de Deus no universo a fim de realizar este projeto.<sup>30</sup>

Além dos testemunhos encontrados na Bíblia tanto no Antigo como no Novo Testamento que falam sobre a providência de Deus, também alguns padres da Igreja puderam dar a sua contribuição: Clemente, Orígenes, Gregório de Nissa, Ambrósio, Agostinho, Boécio entre outros, mas quem mais se aprofundou no tema foi Clemente de Alexandria, Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino. Destaco aqui a ênfase dada por Santo Agostinho sobre a providência, quando fala que:

“A vontade de Deus, que tem os ventos como mensageiros e os relâmpagos como ministros (Hb 1,7), preside de seu trono alto, santo, secreto, na sua casa, no seu templo, entre os espíritos que une entre si em suprema paz e amizade, e funde num só coração o ardor da caridade. De lá ele se propaga por todos os cantos, movendo com ordem perfeitíssima as criaturas espirituais e depois as materiais. De todas as coisas ele se serve, conforme suas irrevogáveis decisões; das coisas imateriais e das materiais, dos espíritos racionais e irracionais daqueles que por sua graça são bons e daqueles que, por própria vontade são maus. Assim, toda a criação é governada pelo seu criador, do qual, por meio do qual e no qual foi criada e organizada. Consequentemente, a vontade de Deus é a causa primeira e suprema de todas as formas e dos movimentos sensíveis. De fato nada de visível e sensível acontece sem que das profundezas do seu

---

<sup>29</sup> MONDIN, Battista. **Quem é Deus? Elementos de teologia filosófica**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1997, p. 373.

<sup>30</sup> MONDIN, 1997, p. 365.

palácio invisível e inteligível o supremo Soberano haja comandado e permitido, em conformidade com a inefável repartição dos prêmios e dos castigos, das graças e das recompensas, neste vastíssimo e imenso estado que é a criação”.<sup>31</sup>

Diante deste posicionamento podemos dizer que a providência requer nossa confiança, e a nossa entrega a Deus. Podemos usar aqui como exemplo a figura dos pais que cuidam dos filhos, de modo que não lhes deixem faltar o essencial em suas vidas, e mesmo depois que saem de casa sempre são auxiliados naquilo que precisam até mesmo se quiserem voltar pra casa estão sempre de braços abertos para acolhê-los. E assim é o nosso Pai celeste que não quer que nenhum dos seus fique desassistido ou abandonado, ele sempre dá um jeito de intervir na nossa vida.

Segundo a tradição cristã a providência de Deus tem dois sentidos, a fé na providência e a oração de petição. Essa petição seria a intervenção de Deus em uma determinada situação deste mundo. Esses dois fatores só vão ter sentido quando, de fato houver uma relação pessoal-dialógica com Deus. Somente o homem que é diferente das outras criaturas pode responder a Deus através de sua fé na oração. A oração é, portanto, esse diálogo entre a criatura e o seu criador em suas necessidades e carências.<sup>32</sup>

Podemos nos questionar ainda: será que Deus muda seus planos por causa da oração do homem? Deus de alguma forma se utiliza das realidades e mediações do nosso mundo e atende ao pedido do homem, mas não de maneira mágica. O efeito da nossa oração provém da vontade e da nossa disposição interior,<sup>33</sup> assim ficamos mais abertos e com maior disponibilidade para com a vontade de Deus, mesmo que a ajuda não venha o fiel encontra uma nova maneira de encarar o problema ou a dificuldade.

Como um bom Pai Deus cuida de suas criaturas e especialmente do ser humano, guiando-o amorosamente para uma única finalidade que é a salvação. Trata-se de um Deus que não quer o mal do ser humano, mas o seu bem e a prova disso está na revelação do Antigo e do Novo

---

<sup>31</sup> AGOSTINHO, 1994, p. 120.

<sup>32</sup> RUBIO, Afonso García. **Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2001, p. 229. Coleção teologia sistemática.

<sup>33</sup> RUBIO, 2001, p. 231.

Testamento. Deus sempre atua de maneira transcendente e para o ser humano só cabe abrir-se confiadamente à vontade de Deus, e esperar. Diante disso a oração de petição só é válida quando vivida no contexto da relação pessoal com o Deus criador e salvador. Portanto o homem de fé confia no Pai mesmo quando seu pedido não tenha uma resposta esperada, pois esta foi a atitude de Jesus principalmente no Horto das Oliveiras e na cruz.<sup>34</sup>

### 2.3 QUEM É O PAI PERDÃO

Através do pecado de Adão e Eva e conseqüentemente da humanidade todo o gênero humano caiu no pecado original. Contudo Deus não abandonou sua criatura, mas se manifestou a ela, como um Deus criador e vivificador doando inúmeros bens. Os males são a consequência do pecado. Em sua misericórdia Deus não se deteve em sua ira, nem afastou o homem de si, mas por puro amor o Pai nos amou entregando o seu próprio Filho.

Diante disso, o Apóstolo Paulo dirigindo-se a comunidade de Roma exorta: “pois se quando éramos inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho que nos trouxe a remissão dos pecados, muito mais agora, uma vez reconciliados, seremos salvos por sua vida (Rm5,10). Não só seremos salvos, mas vamos render glória a Deus através de Nosso Senhor Jesus Cristo por quem recebemos a reconciliação.<sup>35</sup>

A graça de Deus foi muito valorizada em nós, no homem Jesus Cristo mesmo sem o nosso merecimento. Também há ainda outro benefício que Deus presenteou à humanidade que é a sua grande humildade que destruiu o orgulho humano, por meio do seu Mediador que veio em socorro dos homens com sua divindade e de nós se compadeceu. Deus o formou no seio de uma virgem, que concebeu do Espírito e não da carne; pela fé e não pela libido. Assim nascia um homem sem pecado que através dele os que nasceriam haveriam de ser libertados do pecado os quais não poderiam nascer senão em pecado.<sup>36</sup>

Assim, no ministério presbiteral o que Jesus pede para seu seguimento não é fácil ou agradável. A todos que Ele convida para serem seus discípulos, os convida a tomar a sua própria cruz e o seguir. A sua

---

<sup>34</sup> RUBIO, 2001, p. 235.

<sup>35</sup> AGOSTINHO, 1994, p. 426.

<sup>36</sup> AGOSTINHO, 1994, p. 428-429.

ordem é de nos amarmos uns aos outros, de perdoar a quem nos faz o mal, de sermos honestos e castos, no entanto muitas vezes a gente acha difícil de pôr em prática esses preceitos.<sup>37</sup>

E por que é difícil perdoar? Geralmente por causa do amor-próprio e a supervalorização do próprio *ego*. Um exemplo disso acontece na vida de tantos sacerdotes que vivem concentrados em suas pequenas feridas, vítimas de um desrespeito, de uma crítica ou de uma correção que lhes parece injusta, e ficam assim remoendo as suas mágoas. Em última análise quem os pode compreender e avaliar é somente Deus.<sup>38</sup>

O grande modelo e que se apresenta com um coração grande e que soube perdoar é Jesus Cristo. “Ele deixou-se beijar por Judas, um homem que o estava traindo; responde com calma a um laçao de Caifás que lhe bate no rosto; cala-se diante da acusação injusta; olha com benignidade salvadora para Pedro, depois da tríplice negação e, quanto os que estão crucificando no meio de sua agonia, ainda encontra forças para pedir que o Pai os perdoe, servindo-se da única alegação cabível: Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem” (Lc 23,39).<sup>39</sup> E tudo isso é expressão de sua infinita misericórdia.

O Papa Francisco nos recorda que “os ministros da Igreja devem ser misericordiosos, assumir as dificuldades das pessoas, acompanhando-as como o bom samaritano que lava, limpa e ergue seu próximo. Devemos ver Jesus em nossos pecados, e reconhecer que a nossa miséria é a porta que se abre ao carinho e ao perdão de Cristo”. Partindo deste pressuposto os presbíteros devem ser capazes de aquecer o coração das pessoas, caminhar com elas na sua noite, saber dialogar e nunca perder o seu foco.<sup>40</sup>

O Papa ainda dirigindo-se aos cardeais fala que: “a lógica de Jesus e a estrada da Igreja é não só acolher e integrar com coragem os que batem à nossa porta, mas ir à procura dos afastados, sem preconceitos e sem medos, manifestando-lhes gratuitamente aquilo que nós gratuitamente recebemos. A total disponibilidade no servir os outros: é o nosso

---

<sup>37</sup> ARINZE, Francis. **Reflexões sobre o sacerdócio: carta a um jovem padre**. Tradução José Dias Goulart. São Paulo: Paulus, 2009, p.63.

<sup>38</sup> CIFUENTES, 2009, p. 199 – 201.

<sup>39</sup> CIFUENTES, 2009, p. 202.

<sup>40</sup> BESEN, José Artulino. **Com Francisco viver a misericórdia**. III ed. Faculdade Católica de Santa Catarina, Arquidiocese de Florianópolis, nov, 2015, p. 79.

sinal distintivo, é o nosso único título de honra. O Senhor está no leproso, no marginalizado e não descobrimos o Senhor, se não acolhemos o marginalizado de modo autêntico, pois no evangelho dos marginalizados se descobre e se revela a nossa credibilidade”.<sup>41</sup>

A misericórdia podemos dizer é uma força de reintegração que brota do coração de Deus, e graças à Igreja pode tocar cada pessoa, mesmo a mais distante de Deus. O presbítero é por excelência o “ministro da misericórdia”, que através do sacramento da penitência faz acontecer um encontro que não exclui, mas que inclui o pecador arrependido e repara o mal cometido.

O mistério da misericórdia: “é a fonte de alegria, serenidade e paz. É condição da nossa Salvação. Misericórdia é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. Misericórdia é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado”.<sup>42</sup>

Contudo sem misericórdia não existe cristianismo, porque toda a história da salvação não é outra coisa a não ser o amor de Deus por suas criaturas humanas. Deus se manifesta através de sua misericórdia e do seu perdão e não através de argumentos doutrinários, como tem ocorrido ao longo da história da Igreja. A justiça de Deus é o seu perdão e a sua misericórdia “não é uma ideia abstrata, mas uma realidade concreta com a qual revela seu amor como o de um pai e de uma mãe que se comovem no profundo de suas vísceras pelo próprio filho”.<sup>43</sup>

Quando se fala de perdão também podemos recorrer à oração que o Senhor nos ensinou. No Pai-Nosso podemos perceber duas necessidades que fazem parte de toda a nossa vida, que é o pão e o perdão, e que nos reporta ao Pai e também aos nossos irmãos. Jesus nos ensina que “o pedido de perdão tem duas direções, uma vertical na qual pedimos o perdão a Deus, e outra horizontal que nos chama a pedir perdão e a perdoar nossos irmãos. Jesus enfatizou muito a importância do perdão, pois

---

<sup>41</sup> BESEN, 2015, p. 81.

<sup>42</sup> BESEN, 2015, p. 155.

<sup>43</sup> BESEN, 2015, p. 157.



se perdoardes as faltas uns dos outros, também o vosso Pai que está nos céus vos perdoará”.<sup>44</sup>

O pedido de perdão na oração do Pai-Nosso não se dá de forma singular, mas comunitária, pois Jesus ensina a pedir o perdão para todos “perdoa-nos”. E o Pai que é amor e com quem temos intimidade sempre age com misericórdia acolhendo todos os seus filhos sejam eles bons ou maus. Sabendo que o Pai nos ama e nos perdoa, o seu perdão nos ajuda também a perdoar os nossos irmãos para que possamos assim seguir a Cristo e sermos bons cristãos. Quando perdoamos nossos irmãos o que por vezes não é fácil experimentamos o verdadeiro significado do perdão de Deus.<sup>45</sup>

O Papa Francisco recorda em uma de suas catequese sobre a oração do Senhor:

Por muito que nos esforcemos, permanece sempre uma dívida impagável diante de Deus, que nunca poderemos restituir: Ele ama-nos infinitamente mais de quanto nós o amamos. E depois, por muito que nos empenhemos para viver segundo os ensinamentos cristãos, na nossa vida haverá sempre alguma coisa da qual pedir perdão: pensemos nos dias passados na preguiça, nos momentos em que o rancor invadiu o nosso coração e assim por diante...<sup>46</sup>

O perdão deve brotar do nosso coração, pois se não perdoamos os que nos ofenderam não conseguimos acolher o perdão de Deus. O perdão não é algo tão simples e fácil, pois é um “dar-se” a quem não merece, mas é possível de ser buscado basta-nos deixar permitir que nosso coração seja revestido pela ternura e pela misericórdia do coração de Jesus. Como nos diz o CIC “a misericórdia do Pai não pode penetrar o nosso coração enquanto não perdoarmos aqueles que nos ofenderam”.<sup>47</sup>

---

<sup>44</sup> MAIA, Gilson Luiz. **O Pai-Nosso: palavra por palavra**. 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2020, p. 83.

<sup>45</sup> MAIA, 2020, p. 87.

<sup>46</sup> FRANCISCO. **Catequese sobre o Pai nosso – 13 Audiência Geral, Vaticano, 24 de abril de 2019**. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-05/papa-francisco-catequese-pai-nosso-audiencia-geral.html>. Acesso em 19 mar.2022.

<sup>47</sup> CATECISMO, 2000, p. 727; CIC 2840.

No Evangelho de Mateus (Mt 18,21-22) Jesus insiste com seus discípulos que o perdão não tem limites. O Mestre nos surpreende quando nos propõe esta nova atitude de multiplicar o perdão, que, aliás, é a conta que Deus melhor sabe fazer e assim nos ensina a perdoar sempre, pois quando a graça de Deus se encontra com um espírito puro e batalhador, os milagres acontecem.

Diante deste contexto podemos recordar o sacramento da reconciliação que foi instituído por Jesus e do qual o sacerdote é o instrumento pelo qual a graça de Deus nos alcança. “Dito isso, soprou sobre eles e falou: ‘Recebei o Espírito Santo. A quem perdoardes os pecados, lhes serão perdoados; a quem os retiverdes, lhes serão retidos’ (Jo 20,22-23). Não perdoar significa esquecer o perdão que recebemos de Deus. É agir como o indivíduo impiedoso da parábola que foi perdoado pelo seu senhor, a quem devia dez mil talentos, mas não perdoou o seu próximo, que lhe devia bem menos”<sup>48</sup>

Na comunidade, na família, no bairro, com os vizinhos são situações onde sempre poderemos viver o dom do perdão. Claro que às vezes o perdão é difícil e até mesmo pode levar tempo para cicatrizarem as feridas, mas podemos pensar no grande amor do Pai por Jesus que se entregou por cada um de nós, para transformar o nosso coração de pedra em um coração de carne, no qual o amor possa se traduzir em perdão, assim como o Pai age para com seus filhos.

---

<sup>48</sup> MAIA, 2020, p. 90.

### 3 O PRESBÍTERO DIANTE DE JESUS CRISTO

A segunda pessoa da Trindade é o Filho “unigênito” que não foi criado *ex nihilo*, mas que procedeu da essência do Pai. O Pai foi o gerador e compartilha tudo com seu eterno Filho, seja na sua divindade, no seu poder na sua glória. No entanto a sua paternidade, não é compartilhada, pois nesse caso o Filho seria um segundo Pai. O Pai ama o Filho com amor criador e paterno, e através desse amor de Pai que faz com que o Filho nasça e este chama as criaturas à existência, as quais foram criadas segundo a sua imagem no amor.<sup>49</sup>

Cristo na Última Ceia antes de ser entregue à morte, se ofereceu nos sinais do pão e do vinho e, nesse momento disse aos seus apóstolos que fizessem isso em sua memória, constituindo-os sacerdotes da nova Aliança.

Desta forma, Jesus queria que o seu sacerdócio continuasse na Igreja até o fim dos tempos, por meio da sucessão apostólica dos bispos que asseguram o ministério presbiteral na Igreja. Se não houvesse sacerdotes não haveria mais a celebração da Eucaristia, nem a absolvição dos pecados, nem os sacramentos, então é excepcional a existência do sacerdócio na Igreja fundada por Cristo.

O presbítero deve ser por excelência configurado a Jesus pelo amor e na oração. Jesus é quem o escolhe e lhe concede os talentos e as oportunidades para sua formação, pois é através da Igreja que lhe é conferido o sacramento da Ordem no qual lhe é confiado a sua vinha, para que seja cultivada. Assim o presbítero em seu apostolado é outro Cristo. Conclui-se então que cada sacerdote deve se esforçar para viver em Cristo, por Cristo e com Cristo, pois sem Ele nada pode fazer (Jo 15,5).<sup>50</sup>

A configuração a Cristo por meio da consagração sacramental faz com que ele participe do tríplice múnus de Cristo, agindo *in persona Christi* pelo qual apascentará e levará o povo rumo à santidade.<sup>51</sup> Diante disso a doutrina retomada pelo Concílio Ecumênico Vaticano II diz que: “embora a graça possa levar a termo a obra da salvação também por ministros indignos, no entanto, prefere Deus, ordinariamente, manifestar suas maravilhas através daqueles que se fizeram mais dóceis ao impulso

---

<sup>49</sup> MOLTSMANN, 2000, p. 176.

<sup>50</sup> ARINZE, 2009, p. 22.

<sup>51</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros Tota Ecclesia**, n 7:1.c.,p. 11-12.

e à direção do Espírito Santo, pela íntima união com Cristo e santidade de vida, e que podem dizer com o Apóstolo: E, se vivo, já não sou eu, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20).<sup>52</sup>

Sendo Cristo Cabeça, Servo e Esposo da Igreja e único Senhor da Igreja, o presbítero não é seu dono, ele apenas se coloca diante dela como *alter Christus* (configurado a Cristo), não se vangloriando, mas tendo uma atitude de kenosis e serviço. Por isso, “o sacerdócio, enquanto unido à Palavra de Deus e aos sinais sacramentais a cujo serviço se encontra, pertence aos elementos constitutivos da Igreja. O ministério do presbítero existe em favor da Igreja; é para a promoção do exercício do sacerdócio comum de todo o povo de Deus” (PDV, 16).<sup>53</sup>

O Cristo quando assumiu a condição de ser humano, se humilhou, se colocou na condição de um servo, foi condenado a morte numa cruz; sendo rico se fez pobre em solidariedade com os doentes, marginalizados e excluídos. Assim, a realização do presbítero como *alter Christus* só pode configurar-se através do amor ao próximo, conforme Deus nos apresenta em seus dez mandamentos que se encerram em dois: amar a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a nós mesmos.

Este “próximo” é toda a Igreja, com suas vocações, carismas e ministérios, é o pobre de dinheiro e o pobre de espírito, o doente, o marginalizado. Ou seja, são todas aquelas pessoas das quais o presbítero deve se aproximar para levar o alívio da fé em Deus e o conforto das necessidades espirituais e materiais.<sup>54</sup>

O sacerdote deve ser um seguidor de Cristo que durante toda a sua vida viveu pobre, despojando de bens materiais. Essa vida de simplicidade, doação e amor foi repassada aos apóstolos tanto pelos exemplos diários, como por meio de admoestações. Uma delas destaca-se: “... pediu que levassem para o caminho apenas o necessário, nem duas túnicas, nem sandálias, nem cajado, pois o operário é digno de seu sustento” (Mt 10,10).

Entende-se que o presbítero diocesano, assim como os membros de outras Ordens e Congregações deveriam fazer voto de pobreza, no entanto, os padres diocesanos não o fazem. Pois a exemplo de Cristo, cada sacerdote deveria viver a virtude da pobreza, se desapegando dos

---

<sup>52</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **O presbítero mestre da palavra, ministro dos sacramentos e guia da comunidade em vista do terceiro milênio.** Paulinas, Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 1999, p. 36.

<sup>53</sup> FELLER, 2013, p.62.

<sup>54</sup> FELLER, 2013, p.63.

bens terrenos, sendo honesto e transparente na administração dos bens da Igreja. Sonhar com o carro do ano, com uma casa paroquial suntuosa, ou com uma casa na praia, não deveriam ser prioridades ou foco de um presbítero. As preocupações naturais decorridas de doenças e velhice, deveriam ser acolhidas pelas dioceses.<sup>55</sup>

É fundamental salientar que viver com Jesus Cristo é estar junto dele na cruz. Pois é “Vivendo nesta vida sacrificada que o presbítero, participa do múnus da Liturgia, da Palavra e da Caridade numa relação muito íntima e confiante em Jesus de Nazaré. Jesus não deixou sucessores e nem substitutos, Jesus não está ausente, Ele morreu, mas ressuscitou e está vivo no meio de nós sempre nos chamando, nos conduzindo nesta caminhada. Assim deve ser o presbítero seguidor de seu Mestre e Senhor: Cabeça, Pastor e Esposo da Igreja”.<sup>56</sup>

### 3.1 O PRESBÍTERO INSERIDO NO HOJE DE CRISTO REDENTOR

Para que o presbítero possa estar de fato inserido no modelo de Cristo Redentor, as suas atitudes devem ser vividas e seguidas. Sua fala, a sua compostura e seu sorriso devem ser iguais aos de Cristo. Deve estar, no meio das pessoas, vivendo a obediência, a pobreza, a simplicidade e a castidade. E, além do mais, como uma virtude e um exemplo para ser seguido, deve viver uma vida de oração, tendo como centro a Eucaristia.

O presbítero não pode ter qualquer tipo de receio de “estar fora do tempo”, mas estar inserido no “hoje” de Cristo redentor. E sua maior tarefa em todo tempo é conhecer o seu dia a dia o seu “hoje” sacerdotal, inserido no “hoje” de Cristo e que está inserido em toda a história, seja no passado e no futuro do mundo, de cada homem e de cada sacerdote. Assim, se o presbítero estiver inserido no “hoje” de Cristo não há o perigo de vir a ser de “ontem”, isto é, desatualizado.<sup>57</sup>

O presbítero deve ser o primeiro a evangelizar, a construir e a edificar todo o Corpo de Cristo que é a Igreja. Assim inseridos no Cristo Cabeça através de suas funções profética, sacerdotal e pastoral.

---

<sup>55</sup> ARINZE, 2009, p.38.

<sup>56</sup> FELLER, 2013, p. 64.

<sup>57</sup> JOÃO PAULO II, Papa, 1920. **Dom e Mistério: por ocasião do 50 aniversário da minha ordenação sacerdotal.** Tradução; Departamento de Língua Portuguesa da Secretaria do Estado do Vaticano. São Paulo, Paulinas, 1996, p. 97.

A Igreja diz que o presbítero deve agir “*in persona Christi*”, mas como entender isso? O presbítero deve seguir Jesus e tornar-se seu discípulo. Assim como Jesus foi o enviado do Pai, o presbítero é o enviado de Jesus. E assim como Jesus, o presbítero deve praticar algumas virtudes: estar presente no meio do povo e no mundo, anunciar o Reino de Deus, mostrar quais são os sinais do Reino, privilegiar os excluídos da sociedade e, por fim, deve questionar, interpelar a sociedade.<sup>58</sup>

A primeira atitude do presbítero seguidor de Jesus deve ser sua presença junto ao povo, solidarizando-se com os mais empobrecidos. Jesus sempre procurava se fazer próximo do povo, das multidões que o seguiam, pois eram seus “irmãos” (Mc 3,31-35). E a multidão era composta por gente pobre sinal de sua autêntica missão, e este povo esperava por um Messias e com ele a libertação.<sup>59</sup>

Anunciar o Reino pela palavra e pela ação foi a missão de Jesus. Ele acredita, assim como o povo, que o Reino pertence ao mundo criado por Deus nesta terra, e que este Reino age neste mundo misteriosamente assim como uma semente jogada na terra (Mc 4, 26-29). O Presbítero deve anunciar essa boa nova do Reino a todo o povo pobre e marginalizado que busca a intervenção de Deus para mudar o mundo de hoje. Além de anunciar a boa nova o presbítero deve mostrar os sinais do Reino. O profeta Isaías já tinha revelado quais eram estes sinais.

Naquele dia os surdos ouvirão o que se lê e os olhos dos cegos, livres da escuridão e das trevas tornarão a ver. Os pobres terão maior alegria em Javé, os indigentes da terra se regozijarão no Santo de Israel. Então se abrirão os olhos dos cegos e os ouvidos dos surdos se desobstruirão. Então o coxo saltará como cervo e a língua do mundo cantará canções alegres, porque a água jorrará no deserto e rios na estepe (Is 35, 5-6).<sup>60</sup>

Diante disso, o anúncio do Reino é uma libertação, pois a ação de Jesus foi libertadora. Mas não é qualquer ação e pregação do Reino que é libertadora, que faz os cegos enxergarem, os surdos ouvirem, os coxos andarem, os presos se libertarem. O presbítero deve praticar o discernimento pelo qual esta ação e esta pregação podem ser sinal do Reino.

---

<sup>58</sup> GUERRE, 1987, p. 26.

<sup>59</sup> GUERRE, 1987, p. 26.

<sup>60</sup> GUERRE, 1987, p. 27.

As atitudes de Jesus sempre demonstraram a sua origem, pois seu amor sempre buscou atingir o coração dos excluídos da sociedade, ou seja: os enfermos, os aleijados, os leprosos, os possuídos pelo demônio, as mulheres, as crianças e por fim os excluídos pela profissão: publicanos, tecelões, pastores, cambistas.<sup>61</sup>

E assim como Jesus, o presbítero deve nos dias de hoje privilegiar os excluídos da sociedade. Como afirma o documento de Puebla (n. 30-39) os pobres seriam os privilegiados e a partir deles o presbítero deveria construir a Igreja, povo de Deus, para ser sinal do Reino.

Nesse sentido, a opção de Jesus por abraçar os excluídos abalou a sociedade judaica daquela época. A sociedade em si era muito estruturada cada um tinha seu lugar na escala social, com seus privilégios na maneira como se vestiam, na preocupação de ter boas relações com gente poderosa, na organização da recepção e nos lugares de honra nos banquetes, nas sinagogas, e com isso não havia lugar nesta sociedade para os que estavam à margem desses privilégios. Mas Jesus condenava todo este tipo de sociedade pela palavra e pelo comportamento. Ele fala aos apóstolos:

Sabeis que os governadores das nações as dominam e os grandes as tiranizam. Entre vós não deverá ser assim. Ao contrário, aquele que quiser tornar-se grande entre vós, seja o vosso servo. Desse modo o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos (Mt 20,24-28).<sup>62</sup>

O Reino de Deus começou na terra pela ação de Jesus, dos discípulos e de nós cristãos de hoje. Diante disso, devemos levar os ensinamentos que foram deixados no decorrer da história de Jesus, buscando viver uma sociedade justa, sem privilégios ou divisões. Para isso, o presbítero tem o importante papel de intervir junto a comunidade prezando pela união do seu povo e cuidando, principalmente, da espiritualidade de seu rebanho.

Deverá ser uma sociedade onde não haja privilégios nem divisões de classe, gente inferior ou superior e cada pessoa não será mais amada por causa de sua riqueza, mas por ser um filho e uma filha de Deus e um irmão (a) de Jesus. Assim o presbítero através de sua pregação e sua

---

<sup>61</sup> GUERRE, 1987, p. 28-29.

<sup>62</sup> GUERRE, 1987, p. 30.

ação na força do Espírito Santo deve questionar e interpelar a sociedade, a comunidade diante das questões sociais e políticas e tudo aquilo que gera injustiças e que oprime o povo.

De acordo com dados levantados a partir dos problemas e desafios enfrentados pelos presbíteros no mundo de hoje constatam-se: o distanciamento da religião e dos valores cristãos por parte das pessoas (25,6%), a agressão à natureza e a situação do planeta (16,0%) e a crise do sentido da vida e do vazio existencial (10,8%), e ficam ainda em último plano a situação política (2,4%), aborto e questões de gênero (3,3%). Ainda diante de tudo isso os padres relatam um aumento no individualismo e a fragmentação do tecido social (22,7%).<sup>63</sup>

Diante de tudo isso percebe-se que estamos imersos em um tempo marcado por profundas transformações. Em outras palavras, a crise na sociedade afeta também a Igreja, pois não é o mundo que está na Igreja, mas a Igreja que está no mundo. E como bom pastor o presbítero deve ter um olhar mais atento a essas situações e de alguma forma tentar encontrar soluções ou meios para minimizar essas incertezas e angústias.

O Papa Francisco muito tem insistido na formação presbiteral em sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, afirmando que os gestos e as atitudes falam mais do que palavras. Ele afirma:

A Igreja deve ir às periferias geográficas e existenciais, ir ao encontro dos pobres, dos excluídos, dos doentes, dos esquecidos da sociedade, dos marginalizados e dos descartados. Portanto uma Igreja que sai em busca dos desvalidos e dos mergulhados na miséria, na fome, no descaso, no abandono e na noite da desesperança seja material ou espiritual, uma Igreja misericordiosa e missionária capaz de aquecer os corações como Jesus aqueceu os corações dos discípulos desesperançados de Emaús.<sup>64</sup>

Contudo, os presbíteros devem ser formados para atuarem como pastores neste novo tempo, nesta Igreja renovada da qual o Papa deseja,

<sup>63</sup> BRIGHENTI, Agenor. **O novo rosto do clero**. Perfil dos padres novos no Brasil/ Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2021, p. 57.

<sup>64</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Presbíteros segundo o coração de Jesus para o mundo de Hoje**- II seminário sobre a formação presbiteral da Igreja no Brasil. Brasília, Edições CNBB, 2015, p. 46.



e sabe que Jesus também deseja, padres que vão às periferias, com alegria, disposição e coragem, mesmo que isso lhes custe despojamento e disponibilidade constantes, para irem a lugares mais necessitados.

### 3.2 O PRESBÍTERO QUE SEGUE A CRISTO BOM PASTOR

Jesus Cristo mostrou sua personalidade com uma definição bem simples e expressiva que inclusive faz parte da espiritualidade do Padre diocesano: “Eu sou o Bom Pastor” (Jo 10,11). Jesus soube muito bem empregar o termo Bom Pastor, pois vai muito ao encontro da figura do pastor que se dedica ao seu rebanho, sendo o defensor de suas ovelhas contra os animais predadores.

O Documento de Aparecida pede que os presbíteros, sejam como o Bom-Pastor. “O povo de Deus sente a necessidade de presbíteros-discípulos: que tenham profunda experiência de Deus, configurados com o coração do Bom-Pastor, dóceis às orientações do Espírito, que se nutram da Palavra de Deus, da Eucaristia e da oração; de presbíteros-missionários: movidos pela caridade pastoral que os leve a cuidar do rebanho a eles confiado e a procurar os mais distantes, pregando a Palavra de Deus, sempre em profunda comunhão com seu Bispo, com diáconos, religiosos, religiosas e leigos. Também de presbíteros cheios de misericórdia, disponíveis para administrar o sacramento da reconciliação” (DAP, 199).<sup>65</sup>

Ao falar sobre o Bom Pastor, Jesus citou uma série de qualidades, entre elas ser bom, conhecer as ovelhas, procurar bons pastos, ir à frente, procurar a ovelha perdida e dar a vida. Vamos refletir um pouco a respeito de cada uma delas e do seu significado.

A primeira qualidade do presbítero antes de tudo deve ser bom. Ser bom no sentido de ser sereno, humilde, bondoso, firme quando necessário, além de ter exímio caráter. Caso contrário, a paróquia onde ele atua pode tornar-se um caos, pois sem essas qualidades o presbítero acaba perdendo a sua autoridade perante a comunidade. Assim como o pai deve ter firmeza para educar os filhos e sabendo dizer “não” na hora certa, o presbítero também deve ser assim. Jesus era bom Pastor, mas

---

<sup>65</sup> DOCUMENTO DE APARECIDA. **Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. Tradução Luiz Alexandre Solano Rossi. Edições CNBB, Paulinas, Paulus. 4 ed, 2007, p. 98.

não era fraco, sabia pegar no chicote e mandar para fora os comerciantes do templo e batia de frente com os fariseus (Mt 23,33).<sup>66</sup>

A outra característica do presbítero é conhecer as ovelhas, assim como foi indicado pelo próprio Jesus: “Eu conheço as minhas ovelhas e elas conhecem a mim” (Jo 10,14). Conhecer as pessoas na sua singularidade é algo muito importante. Um exemplo disso é quando você está em uma festa ou em uma reunião em que todas as pessoas são conhecidas e, de repente, um amigo seu aparece e diz: “você por aqui, que bom! Mas não está sozinho. Venha cá, vou apresentar-lhe toda esta minha gente”. E naquele momento você volta ao mundo dos vivos.<sup>67</sup>

Como Bons Pastores o presbítero deve ter um contato mais íntimo com as pessoas. Por vezes há padres que têm dificuldade de fazer visita a domicílios por preguiça, pelo conforto habitual, pelo descanso... E ainda dá a desculpa de estar cansado, ou só visita quem precisa urgentemente de confissão, ou para receber a unção dos enfermos. Mas como seria gratificante para os paroquianos receber a visita do Pastor, e muito melhor ainda seria ouvir do Senhor no dia do julgamento: “Obrigado, estava necessitado e vieste me visitar” (Mt 25,36).<sup>68</sup>

Diante da visita paterna do sacerdote que leva a presença de Jesus Cristo a toda a família, as pessoas tornam-se ainda mais fervorosas. Feliz a paróquia onde o sacerdote pode dizer como o Senhor: “Conheço as minhas ovelhas e elas me conhecem”. Quem age assim de certa forma vai sentir o amor das suas ovelhas e vai se sentir mais gratificado e feliz com o carinho do seu rebanho.

A terceira condição que o Senhor determinava pra ser Bom Pastor é: “procurar bons pastos para as ovelhas” (Ez 34,14). É preciso alimentar as ovelhas com um bom alimento. As pessoas andam com fome de Deus, assim como aquela multidão que seguia o Cristo, ela o seguiam porque procurava nele um sentido para sua vida, para a morte e para suas dores. O Próprio Senhor já havia falado para seus discípulos que eram eles que deveriam alimentar a multidão; hoje Jesus fala aos presbíteros: vocês devem dar de comer o pão espiritual, através de sua disponibilidade, aproveitando as oportunidades de evangelizar, de confessar,

---

<sup>66</sup> CIFUENTES, Llano Rafael. **Sacerdotes para o terceiro milênio**. Aparecida, São Paulo: Santuário, 2009, p. 264.

<sup>67</sup> CIFUENTES, 2009, p. 267.

<sup>68</sup> CIFUENTES, 2009, p. 270.

de visitar os doentes, de possibilitar que as crianças possam ir à catequese.<sup>69</sup>

É preciso também falar com carinho ao povo e aos poucos trazê-lo, ao nosso encontro. Este fato aconteceu com um padre que era sacristão e que foi aluno de João Paulo I. “Quando João Paulo era pároco e estava celebrando um dia uma missa, chegou um homem mal trajado, e que sem nenhum respeito tentou tomar-lhe o cálice. Alguns participantes da missa tentaram impedi-lo, mas sem êxito, então o sacristão colocando-se ao seu lado sussurrou algo no ouvido e o conduziu até a sacristia. João Paulo ficou intrigado e, no final da missa, perguntou ao sacristão o que você disse para que ele obedecesse tão docilmente? E ele respondeu: Disse-lhe que na sacristia tinha um garrafão cheio de vinho”.<sup>70</sup>

A linguagem do amor é a via essencial para saber lidar com as situações pelas quais todos nós passamos. Se o presbítero, não tem um amor verdadeiro e humilde pouco frutuosa será a sua vida e também seu ministério. Ao contrário também pode cair na autossuficiência, e viver no seu feudo paroquial se não aprender a gastar todo o seu tempo cuidando do seu rebanho o qual o Senhor lhe confiou.

O Bom Pastor é aquele que se coloca à frente das ovelhas, que indica o caminho. O povo não pode ser orientado só com palavras, sermões, aulas e homilias, mas necessita de alguém que viva antes e que depois possa ensinar. Assim como disse Jesus a Pedro: “vem, segue-me” (Mt 4,19); fale o que eu digo e faça o que eu faço. Agindo assim um padre muda a paróquia e faz a comunidade feliz.<sup>71</sup>

Para ser Bom Pastor o presbítero deve viver as virtudes que deseje inculcar aos outros. E hoje, um mundo de tanto medo, seja de assalto, de bala perdida, medo de bandido, medo de doença, medo da morte... gera muita preocupação e ansiedade nas pessoas, mas através da nossa fé todos podem ser otimistas, seguros e serenos, e viver aquilo que o Senhor falou: “Não vos preocupeis com a vossa vida[...]. Olhai as aves do céu, que não semeiam nem colhem, [...] e Deus as alimenta; quanto mais valeis vós do que as aves (Lc 12,22-28).<sup>72</sup>

Diante disso, o presbítero deve ser o primeiro a dar o exemplo e o incentivo para as pessoas. Ter uma atitude de serviço e não de autoritarismo que só sabe mandar. Deve buscar o equilíbrio. O sacerdote deve

<sup>69</sup> CIFUENTES, 2009, p. 271.

<sup>70</sup> CIFUENTES, 2009, p. 272.

<sup>71</sup> CIFUENTES, 2009, p. 275.

<sup>72</sup> CIFUENTES, 2009, p. 277.

dirigir e ser guia, mas ele só será ouvido e amado pelos seus fiéis na medida que souber imitar a Cristo, o Bom Pastor e ter o seu espírito de serviço, pois o próprio Jesus já dizia: “Eu não vim para ser servido, mas para servir e dar a minha vida em resgate de muitos” (Mt 20,28).

O Bom Pastor deve sempre procurar a ovelha perdida, ferida ou machucada. Este é um sinal característico dos bons pastores, quando saem de si mesmos, da sua rotina para procurar e ir de encontro da ovelha que se perdeu. É preciso sentir o drama das pessoas que vivem sem um ideal de vida, sem um sentido para sua existência e que por vezes se desviam e apelam para subterfúgios como as drogas, bebida e sexo.

Diante disso, não podemos pensar ou julgar considerando-os maus, essas atitudes podem ser fruto de carências relacionadas ao histórico de vida de cada indivíduo. Frente a essas carências acabam não encontrando sentido na vida diária e buscam uma felicidade artificial, caindo na frustração. E, talvez, na sua angústia comecem a gritar como aquele paraplégico da piscina: “Não tenho ninguém que me leve às águas da salvação” (Jo 5,7). Não têm uma pessoa que os carreguem até a fonte dos sacramentos.<sup>73</sup>

Por fim, o Bom Pastor deve dar a vida pelas suas ovelhas, assim como Jesus o fez na sua agonia mortal no Horto das Oliveiras. Não eram apenas palavras, mas de fato na cruz Ele terminaria dando a vida pelas suas ovelhas. Assim o presbítero é outro Cristo, que deverá se sacrificar pelas pessoas que estão sob sua responsabilidade e como uma forma de cumprir aquele mandamento do Senhor “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo13,34). E ele nos amou doando a sua vida por nós.<sup>74</sup>

Portanto o objetivo primordial do Bom Pastor é o bem das ovelhas, mesmo que isso exija sacrifício e abnegação. Um exemplo disso é a seguinte história:

Um padre que trabalhava numa paróquia perto do presidio, via que todas as semanas uma mãe vinha para visitar o seu filho que estava na cadeia. Estava lá por causa dos crimes que cometera e porque maltratava a mãe. Mas a mãe a cada visita que fazia ao filho ficava arrasada e ia chorar as magoas para o padre, pois o filho não queria que ela fosse visitá-lo e até mandava ela para o inferno. E o padre a aconselhava a não voltar mais lá, e ela aos

---

<sup>73</sup> CIFUENTES, 2009, p. 281.

<sup>74</sup> CIFUENTES, 2009, p. 283.

prantos acrescentou: “O senhor não entendeu nada: eu sou a mãe dele!”.<sup>75</sup>

Diante disso vemos que as mães não desistem, estão acima das atitudes dos filhos, e querem a sua felicidade, mas que talvez custe a sua própria felicidade. E era isso que o Senhor queria dizer: “Não há maior amor do que dar a vida pelos amigos” (Jo 15,3).

Bento XVI em uma homilia durante uma ordenação fez um apelo àqueles que iriam receber o sacerdócio: “Cada um de vós, queridos Ordenados, tornar-se-á com a ajuda de Jesus um bom pastor, pronto para dar, se necessário for, também a vida por Ele”.<sup>76</sup>

### 3.3 O PRESBÍTERO QUE APRENDE DE CRISTO COMO SER SERVIDOR

No ambiente em que vivemos percebe-se uma espécie de aversão à palavra serviço. O Senhor com a sua atitude, fez questão de mostrar exatamente o contrário, quando lavou os pés dos seus discípulos na última ceia. Ele teve um gesto que resumiu sua atitude de espírito de serviço, através de seu amor expressado nos pequenos detalhes da vida cotidiana.

O gesto de levantar-se para lavar os pés dos discípulos denotava que algo precisava ser feito. Muitas vezes se faz necessário se desinstalar do próprio bem-estar e tomar consciência de que algo deve ser feito para que as coisas mudem, saindo assim do comodismo e buscando o dinamismo. É necessário que deixemos a nossa preguiça de lado que impede de ir ao encontro dos outros para ajudá-los estendendo-lhes a mão.<sup>77</sup>

Nós vivemos em um mundo comodista, que nos leva a não enxergarmos o que o outro precisa; estamos preocupados com nós mesmos, com nossas comodidades. Jesus questiona a nossa insensibilidade. Por vezes não temos a iniciativa corajosa ou nos falta a ousadia de fazer

---

<sup>75</sup> CIFUENTES, 2009, p. 285.

<sup>76</sup> HOMILIA DO PAPA BENTO XVI DURANTE A CONCELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA PARA A ORDENAÇÃO DE 22 SACERDOTES NO DOMINGO DO BOM PASTOR. Domingo, 29 de abril de 2007. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/homilies/2007/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20070429\\_priestly-ordination.html](https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/homilies/2007/documents/hf_ben-xvi_hom_20070429_priestly-ordination.html)>. Acesso em 30 abr. 2022.

<sup>77</sup> SCHIADINI, Patricio. **Espiritualidade do avental**. São Paulo: Loyola, 2007, p. 60.

gestos que são considerados estranhos, mas que possam resultar em grandes maravilhas na nossa vida e na vida de nossos irmãos e (as). É esse o comportamento que o Cristo de nós espera.<sup>78</sup>

Nas pequenas coisas do dia a dia vemos como é difícil assumir uma atitude de servidor. É difícil até se levantar do banco da Igreja para dar lugar a alguém, é difícil levantar da cama quando não temos uma motivação, não só com o trabalho, mas um compromisso com alguém, é difícil levantar do assento do ônibus para dar lugar a uma pessoa idosa, a uma mulher grávida ou a alguém que demonstra cansaço, é difícil levantar para fazer uma ação de caridade ou um trabalho que nos desagrada, etc. São várias as situações que nos impedem de sermos servidores.

Hoje em dia se fala muito da preguiça tecnológica, e que nos educa a ficarmos sentados e a fazer o mínimo de esforço possível. Tudo é teleguiado, pois não precisamos nos levantar para mudar de canais na TV, um simples toque no controle remoto e tudo está resolvido, nem descer do carro para abrir o portão, entre outras coisas. No entanto é preciso levantar-se e ir ao encontro de Cristo e dos que necessitam de nós, principalmente o presbítero.<sup>79</sup>

Ser servidor significa transformar o serviço em amor nos pequenos detalhes da vida e não achar que é um fardo ou um peso. É ter uma boa disposição ou até mesmo fazer certos tipos de sacrifício para beneficiar os outros como, por exemplo, no dia de folga o pároco ir ajudar o seu vizinho, seja para celebrar uma missa ou atender confissões na sua ausência etc. Diante disso, o Senhor nos oferece uma regra bem simples “Tudo quanto quiserdes que os homens vos façam, fazei-o vós a eles” (Mt 7,12).<sup>80</sup>

Como sabemos nossa Igreja é ministerial e carismática e que o ministério sacerdotal é um carisma especial que está a serviço dos outros carismas, tendo, em vista que o carisma sacerdotal transforma o presbítero em servidor dos servidores. E esse serviço consiste em descobrir nos fiéis suas potencialidades para o serviço eclesial e social que o Espírito semeou em cada coração. Cabe ao presbítero dar apoio aos servidores quando o cansaço recai sobre eles, e harmonizá-los para que

---

<sup>78</sup> SCHIADINI, 2007, p. 63.

<sup>79</sup> SCHIADINI, 2007, p. 65.

<sup>80</sup> CIFUENTES, 2009, p. 208.

sejam sinais da unidade na diversidade. Cultivar o carisma presbiteral é algo necessário e urgente.<sup>81</sup>

Existe uma atitude que também faz parte da vida de muitas pessoas e até mesmo de padres que é a dificuldade de sair de si mesmos e superar o egocentrismo. Há padres que são centrados em si próprios; dá a impressão de que estão “atrofiados” na dimensão do amor e de se sentirem incapacitados para pensar nos outros. No entanto, tiram proveito próprio, esperam ser bajulados, ou até mesmo desejam que os outros lhes sirvam como instrumentos de sua própria realização.<sup>82</sup>

Numa palavra podemos dizer que temos dois corações para com o próximo: um doce, caridoso e complacente e outro duro severo e rigoroso; aquele que ama com um amor verdadeiro sem segundas intenções, ama com um amor coerente, e por inteiro com uma entrega total e sem reservas, e aquele que possui um amor falso procura a “egolatria”. A pessoa que se considera o centro do universo, é autossuficiente. Há padres que procuram mais a si mesmos do que a Deus, lutam pelo seu próprio prazer, menos para serem instrumentos de Deus.<sup>83</sup>

No exemplo deixado por Jesus ao enxugar os pés dos discípulos ele nos mostra todo seu amor, do qual não podemos duvidar. Assim também como falou Santa Teresinha “A santidade não é feita de belas palavras, mas sim de atos” e isso Jesus sabia fazer muito bem. Era isto a força do testemunho de sua vida. Quem são as pessoas que hoje esperam que nós lhes lavemos os pés e os enxuguemos?<sup>84</sup>

Se pararmos para refletir, o mundo de hoje perdeu o sentido do serviço e do amor, pois nós não nos deixamos amar e com isso não sabemos amar. Na atitude de Jesus vemos muito claro a sua missão de serviço, pois Ele veio para servir e não para ser servido, e esse é o caminho para haver a harmonia e a humildade dentro de cada um e em uma atitude de kenose, de rebaixamento, a Palavra se fez carne e veio morar em nosso meio.

Servir não faz com que percamos a nossa autoridade nem que a pessoa seja diminuída em sua importância. A pessoa que é orgulhosa e que tem desejo pelo poder acaba de certo modo se afastando dos outros, assim como aconteceu com todos os ditadores civis e religiosos, e com

---

<sup>81</sup> URIARTE, Juan María. **A missão do presbítero, servir como pastor**. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 139.

<sup>82</sup> CIFUENTES, 2009, p. 211.

<sup>83</sup> CIFUENTES, 2009, p. 215.

<sup>84</sup> SCHIADINI, 2007, p. 93.

isso a pessoa nunca pode ser amada. Todo mundo é chamado a servir com alegria, se colocando-se a serviço de todos, amando e não se envergonhando de fazer o serviço mais humilde.<sup>85</sup>

Podemos também tirar como exemplo a vida de todos os santos e vamos perceber que eles não se deixaram dominar pelas aparências, pelos mantos vistosos, pelos ornamentos de luxo, mas que foram seduzidos pela teologia de Belém. Francisco de Assis não mandava os seus frades anunciar o evangelho, a cuidar dos doentes enquanto ele ficava na sua casa, mas ele mesmo anunciava e curava quem precisasse de ajuda. Teresa de Calcutá não formou seu “quartel-general, mas era serva de todos e não recusava nada e sempre escolhia a tarefa mais difícil”. Santa Teresa do Menino Jesus assumiu como atitude de na sua vida ser a última, em nada preocupada com cargos, nem projeção, mas em servir e amar.<sup>86</sup>

Lavar os pés na atitude de ser servidor significa sair da nossa diferença e ir ao encontro do outro com um sorriso no rosto e cheio de ternura. É nos tornar cada vez mais solidários com o outro em todas as suas necessidades, rompendo nosso individualismo e egoísmo, repartindo com outro o que temos e somos. Também é perceber dentro de nós o fogo do amor e assumir a nossa missão, sair do nosso comodismo e viver a nossa fé de modo verdadeiro e autêntico. E por fim, lavar os pés significa ir ao encontro do outro sem discriminação, sem medo e considerar todos os outros como parte da nossa vida e que sozinhos não somos nada.<sup>87</sup>

Nosso Senhor Jesus Cristo nos deixou o exemplo de ir e fazer a mesma coisa, não importando tanto o saber, mas sim o ser e o agir. Quem é seguidor de Jesus e procura viver aquilo que ele viveu vai conseguir de fato produzir os frutos esperados. E a cada um de nós leigos, especialmente os religiosos e o presbítero que são consagrados ao Senhor que entregam totalmente a sua vida pelo Reino, é de suma importância nos comprometermos com essa causa e assim podermos dar frutos abundantes. Este é também o desejo de Jesus junto com o Pai e o Espírito Santo que são amor.

No que diz respeito a pastoral do presbítero na sua missão de servir e conduzir todo o povo de Deus com amor e com fortaleza o documento *Presbyterorum Ordinis* fala que:

---

<sup>85</sup> SCHIADINI, 2007, p. 119.

<sup>86</sup> SCHIADINI, 2007, p. 120.

<sup>87</sup> SCHIADINI, 2007, p. 127.



Exercendo o múnus de Cristo Cabeça e Pastor na parte de autoridade que lhes toca, os presbíteros reúnem, em nome do Bispo, a família de Deus, como fraternidade animada por um só objetivo, e levam-na por Cristo no Espírito a Deus Pai. Para exercer este ministério é conferido o poder espiritual que é dado para a edificação. Na edificação da Igreja, porém, os presbíteros devem conviver com todos, com grande humanidade, a exemplo do Senhor... Na edificação da comunidade cristã, os sacerdotes nunca servem alguma ideologia ou facção humana, mas como anunciadores do Evangelho e Pastores da Igreja, trabalham pelo aumento espiritual do Corpo de Cristo.<sup>88</sup>

No que se refere à caridade pastoral o que vai exigir muito do presbítero é um amoroso exercício da fortaleza baseado na atitude de Cristo. Assim, a sua autoridade nunca será de domínio opressor, mas de disponibilidade e espírito de serviço. Também em comunhão com o Bispo e com todos os fiéis deverá evitar cair no autoritarismo e no democraticismo, pois ambos trazem como consequência a secularização do sacerdote e a clericalização dos leigos.<sup>89</sup>

O presbítero deve estar atento para não cair na mera mentalidade sociopolítica. O presbítero é apenas um administrador de Cristo no Espírito Santo, dos dons que a Igreja lhe confiou, ele não tem o direito de desviá-los ou de modelá-los a seu bel-prazer. Por isso o dom que receberam na ordenação é algo muito valioso e imenso para a missão para a qual são chamados a exercer e a testemunhar, com um autêntico espírito missionário, o amor de Deus e a pregar o Evangelho em toda parte, e, se preciso for, até mesmo além dos confins da própria diocese. Isso não significa que não deva se interessar pelos problemas sócio-políticos da comunidade no momento oportuno.

Pelo poder de ordem e jurisdição, em cada comunidade e em toda a Igreja os ministros hierárquicos participam do poder pelo qual Cristo

---

<sup>88</sup> DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano. **Presbyterorum Ordinis**, (1962-1965) [organização geral Lourenço Costa Tipografia Poliglota Vaticana]. São Paulo: Paulus, 1997 n. 6, p. 502-505 (Documentos da Igreja).

<sup>89</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **O presbítero mestre da palavra ministro dos sacramentos e guia da comunidade em vista do terceiro milênio**, 1999, p. 58-59.

modela seu corpo de forma eficiente. Sendo assim Cristo delegou aos apóstolos e aos seus sucessores sua autoridade para que a desempenhem a fim de que sejam bons administradores.<sup>90</sup> Ao presbítero cabe administrar a comunidade cristã e em especial a sua paróquia. Segundo Yves Congar o presbítero quando é colocado à frente de uma comunidade paroquial passa por duas atitudes difíceis:

Não é mais pela via da jurisdição que o sacerdote exerce sua ação, mas pela via do testemunho, pela via profética. O que ele implementa não é mais sua autoridade de pároco ou mesmo de sacerdote, autoridade fundada sobre a dignidade de seu título e de sua função; ele atua com base em sua autoridade espiritual de homem de Deus, de seu poder “pneumático” ou “carismático”, de seu dinamismo de homem religioso, de homem espiritual.<sup>91</sup>

Diante da sociedade, na qual vivemos, marcada pelas funções e influências sociais que desconsideram os seres humanos, o presbítero não deve se ocupar só com as questões espirituais, mas dar mais atenção para as pessoas principalmente onde ele exerce seu apostolado. Sendo um servidor o presbítero lida diariamente com situações e incidentes que de certa forma lhe exigem permanecer no meio do povo e por isso a evangelização é o meio pelo qual se buscará os resultados almejados.<sup>92</sup>

O presbítero é chamado a ser seguidor e servidor de Cristo e não funcionário da Igreja. A sua relação com o mundo deve ser de serviço, tendo presente o cuidado e a comunhão com todo o povo. Depois o presbítero é um evangelizador e administrador dos sacramentos, pois além de estar no altar deve ser um homem de relações, de ações, e de cuidado. “A espiritualidade do presbítero diocesano deve ser marcada fundamentalmente pela caridade pastoral, pelo cuidado para com as necessidades de seu rebanho. Assim hão de ser entendidos os três múnus do presbítero”.<sup>93</sup>

O presbítero sendo homem da Eucaristia deve cuidar para que os seus fiéis sejam alimentados com a vida do próprio Deus. Pois quando nos alimentamos da Eucaristia são fortalecidos o nosso corpo e o nosso

---

<sup>90</sup> EING, 2019, p. 162.

<sup>91</sup> EING, 2019, p. 162.

<sup>92</sup> EING, 2019, p. 163.

<sup>93</sup> FELLER, 2013, p. 92.

espírito para que possamos melhor servir nossos irmãos e irmãs principalmente os doentes, os que passam por necessidades e os marginalizados. Na Eucaristia, o presbítero é alimentado por Deus para assim poder alimentar os outros e fazer de sua vida uma entrega para que os outros tenham vida.<sup>94</sup>

Nos dias atuais em que cada vez mais a população está crescendo consideravelmente nos bairros e edifícios, o presbítero deve ser o homem da Palavra. E aqui exerce o desafio de ser profeta e de preparar pessoas que criem e animem as comunidades, grupos bíblicos, afim de que a Palavra possa ser anunciada e vivida e assim o povo seja também alimentado pela Palavra e cresça com um só coração e uma só alma (At 2,42-47; 4,32-35; 5,12-16).<sup>95</sup>

Por fim o presbítero é chamado a ser homem da Caridade principalmente com os mais pobres. Podemos ver isso claramente na Sagrada Escritura onde mostra que Deus se coloca ao lado dos mais fracos, Deus nunca estava do lado dos faraós, dos reis opressores, dos doutores da lei e dos sacerdotes. Mas pelo contrário estava com aqueles que mais sofriram; na escravidão do Egito, o exílio na Babilônia, o sofrimento dos órfãos e viúvas e dos prisioneiros. Também Jesus de Nazaré viveu e morreu pobre, assim o presbítero também deve viver nesta simplicidade e se dedicar no cuidado do seu povo.<sup>96</sup>

Vivendo estes três múnus o presbítero conseguirá realizar de fato aquilo que é próprio da sua vocação e carisma. Caso contrário ele apenas será um funcionário do altar, só vai fazer aquilo que lhe compete e nada mais. Além disso, é preciso ter força, coragem, ousadia e despreendimento para renunciar a tudo e tomar a cruz, assim como o próprio Cristo fez, e colocar-se à frente do rebanho que lhe foi confiado pelo próprio Deus que não quis que nenhum dos seus se perdesse.

---

<sup>94</sup> FELLER, 2013, p. 93.

<sup>95</sup> FELLER, 2013, p. 94.

<sup>96</sup> FELLER, 2013, p. 94.

#### 4 O PRESBÍTERO DIANTE DE DEUS ESPÍRITO SANTO

Segundo alguns relatos bíblicos podemos fazer representações das pessoas do Pai e do Filho, mas a terceira pessoa da Trindade fica em um certo anonimato. No Evangelho de João vemos que Deus é espírito (4,24) e que também Santo Tomás julgava que a terceira pessoa da Trindade não tinha um nome próprio, mas era chamado de “Espírito Santo”. O Espírito é “expirado”, não gerado como o Filho, por isso o Espírito não pode ser um segundo Filho do Pai, mas que procede do mútuo amor entre o Pai e o Filho.<sup>97</sup>

O Espírito Santo é constituinte da Igreja. Sem ele não haveria Igreja e não teríamos fé em Jesus Cristo. Também não haveria os ministérios ordenados dados pela Unção, e imposição das mãos, não haveria o perdão dos pecados, não haveria o batismo e não teríamos esperança na vida eterna. Tudo isso depende da ação do Espírito Santo, pois ele é constituinte da Igreja, se assim não o fosse Deus não consagraria padres para serem ministros consagrados, e é por isso que a Igreja tem essa dimensão de ser humana e Divina.

Todos os batizados, mas também os presbíteros são chamados à plenitude da vida cristã e a perfeição da caridade, e a partir disso tem uma relação especial com o Espírito Santo que é Deus em nós e que mora em nós. O Espírito Santo é na Trindade o laço de amor entre o Pai e o filho na identidade e na intimidade que estão um diante do outro. Vemos isso bem claramente no batismo e na transfiguração no qual o Pai proclama: “meu Filho” (Mt 3,17; 17,5) e o Filho se refere a Deus chamando-o: “meu Pai” (Mt 7,21; Jo 20,17-21).<sup>98</sup>

O Espírito Santo age na história, nos corações, e nas comunidades de modo a comunicar o Filho eterno do Pai. Assim o Pai gerou o Filho na eternidade por obra do Espírito Santo. Maria gera o Filho na encarnação por obra do Espírito Santo. Também o presbítero, quando anuncia a Palavra, administra os sacramentos e guia a comunidade o faz por obra do Espírito Santo. Com isso supera-se tanto o cristocentrismo quanto pneumatocentrismo. Não há Cristo sem Espírito e não há Espírito sem Cristo.<sup>99</sup>

A atuação do Espírito Santo se faz em maior profundidade na vida do presbítero, pois além de tê-lo recebido no batismo e na crisma,

---

<sup>97</sup> MOLTSMANN, 2000, p. 177.

<sup>98</sup> FELLER, 2013, p. 66.

<sup>99</sup> FELLER, 2013, p. 67.

recebeu novamente no sacramento da Ordem tornando-se um homem do Espírito Santo. É a partir daí que vai formar seu caráter, a sua auto realização, a solidificação de sua autoestima. É o Espírito que dá força para o presbítero em sua missão, o zelo apostólico e a doação de si mesmo em favor da obra de Cristo.<sup>100</sup>

É dessa fonte de Graça que o presbítero vai tirar as suas forças e a virtude da esperança para olhar o futuro na sua Igreja. A Igreja e o presbítero nasceram ao mesmo tempo, na ceia e na cruz, no mistério Pascal. Assim nos recorda a exortação apostólica do Papa João Paulo II: “Não se deve, pois pensar no sacerdócio ordenado como se fosse anterior à própria Igreja, porque ele existe totalmente em função do serviço da mesma Igreja; nem muito menos se pode pensar como posterior à comunidade eclesial, de modo que esta pudesse ser concebida como já constituída independentemente de tal sacerdócio (PDV, 16).<sup>101</sup>

O presbítero deve exercer um ministério pneumatológico, pois através do Espírito Santo em suas relações intratrinitárias, ele se torna o servidor da unidade na diversidade. É no Espírito Santo que o presbítero irá buscar a unidade de seu ser e de seu agir, assim evitando todo o risco de individualismo, fragmentação e anarquia.<sup>102</sup>

É o Espírito Santo que guia os presbíteros e todo o povo na fé e na oração, pois não podemos afirmar que “Jesus é o Senhor” sem a ação do Espírito Santo (1 Cor 12,3). E cabe ao presbítero recorrer sempre ao Espírito para que este o ensine a orar e a guiar a sua oração seja quando for meditar as Sagradas Escrituras, sobretudo nas homilias, no confessionalário ou em uma direção espiritual.<sup>103</sup>

Além disso, é pela União do Espírito que o presbítero conseguirá viver o seu celibato, no qual se configura a Cristo. Ele não viverá o seu celibato de modo ascético, como o de João Batista, nem o profético como o de Jeremias, mas de modo oblativo, como o de Jesus de Nazaré. Se vivendo assim ele já centrou toda sua existência nos dois grandes eixos que darão sentido ao seu ser e agir, assim como foi para Jesus uma missão tão necessária e urgente, que vale a pena investir e focar nele todas as suas energias vitais e todo o capital afetivo de seu ser.<sup>104</sup>

---

<sup>100</sup> FELLER, 2013, p. 68.

<sup>101</sup> FELLER, 2013, p. 70.

<sup>102</sup> FELLER, 2013, p. 71.

<sup>103</sup> ARINZE, 2009, p. 53.

<sup>104</sup> FELLER, 2013, p. 101.

A castidade presbiteral precisa ser buscada como todas as demais virtudes. Não é uma obra meramente humana; é dom, é obra de Deus no ser humano. É necessário que o presbítero deixe Deus ser Deus em sua vida, ou seja, deixar Deus agir com a força de seu Espírito, a fim de tornar-se transparente, transfigurado templo do Espírito Santo. Assim diante do prazer do pansexualismo deve-se viver a sexualidade, não na forma genital, mas na forma *agápica*, e isso ele só conseguirá com o auxílio da luz do Espírito Santo.<sup>105</sup>

Somente com a unção do Espírito Santo se conseguirá de modo pessoal e coletivo responder às três propostas que aparecem nas diretrizes da ação evangelizadora da Igreja. A primeira é construir uma identidade presbiteral pessoal com liberdade autêntica, numa sociedade consumista. A segunda é renovar a comunidade presbiteral, com relações fraternas em uma sociedade de fragmentação de relação. Por fim ser solidário, no serviço da justiça em favor dos últimos, nesta sociedade cheia de riscos que atenta contra a vida e a comunhão.<sup>106</sup>

O presbítero de hoje está inserido num mundo carregado de desafios e que exige dele força interior e abertura de coração. Somente imbuído pelo Espírito Santo conseguirá exercer a caridade pastoral de Jesus Cristo em favor do povo santo de Deus Pai. Ele não pode ter medo de enfrentar a realidade que o circunda e menos ainda tornar-se indiferente para com o outro. Porém deverá ser um homem ousado, com uma espiritualidade centrada no seguimento a Jesus Cristo, no anúncio do Reino de Deus e na opção pelos pobres.

Além das Missas celebradas na comunidade de fé, ele deverá fazer uso da Palavra de Deus de modo que seja anunciada em toda parte e de todos os modos, com vistas à edificação de uma sociedade justa, igualitária e fraterna. Deverá orientar a comunidade que lhe for confiada, dando valor a todas as riquezas espirituais e morais dos fiéis.

Além disso deve priorizar a caridade em favor dos necessitados, em cujo rosto há de sempre enxergar e apontar o rosto do Senhor, crucificado e ressuscitado. Para que tudo isso aconteça ele deve estar imbuído de toda força e assistência da Santíssima Trindade em sua vida para que assim possa corresponder e dar conta da missão que Deus lhe confiou.

---

<sup>105</sup> FELLER, 2013, p. 102.

<sup>106</sup> FELLER, 2013, p. 73.

#### 4.1 COMO O PRESBÍTERO PODE SER SANTIFICADOR

Através do seu Sacrifício e da sua Palavra Cristo escolheu alguns de entre os batizados e os transformou em instrumentos vivos para serem seus auxiliares e servirem humildemente à obra de santificação. “É por isso que os presbíteros são consagrados por Deus, pelo ministério dos Bispos, a fim de que feitos, de maneira especial participantes do sacerdócio de Cristo, atuem nas celebrações como ministros d’Aquele que na Liturgia exerce constantemente, por obra do Espírito Santo seu ofício sacerdotal em nosso favor”.<sup>107</sup>

O presbítero diocesano deve viver a sua vocação, o seu carisma e sua missão no Espírito Santificador e em íntima colaboração com o seu Bispo e o presbitério de sua Igreja. E para que ele consiga realizar essa tarefa têm-se três princípios gerais: A sinceridade de coração, não se deixar levar por nenhum cansaço e doar-se totalmente no Espírito de Cristo.

A primeira tarefa que é proposta ao presbítero é a de evangelizar e ensinar. O presbítero é o primeiro responsável pela Palavra de Deus, deve lê-la todos os dias, escutá-la, rezá-la e anunciá-la àqueles aos quais tem o dever de ensinar. Na ordenação, o presbítero promete desempenhar através do Espírito o ministério da Palavra, proclamando o Evangelho e ensinando a fé católica de forma a edificar a Igreja por sua palavra e exemplo.

O grande doutor da Sagrada Escritura São Jerônimo nos deixa o seguinte conselho: “Ignorar as Escrituras é ignorar Cristo”. Assim pela pregação da Palavra de Deus nos corações dos fiéis é que vai alimentando a sua fé e vai fazendo com que cresça a comunidade dos fiéis.<sup>108</sup>

A segunda tarefa que compete ao presbítero é de Santificar através dos Sacramentos, mas, sobretudo da Eucaristia e da Reconciliação. Os sacramentos são os sinais eficazes através dos quais a vida do Pai, do Filho e do Espírito Santo, chega as pessoas e atualiza a aliança de Deus com todas as pessoas humanas no sangue do Cordeiro. E o que Deus realizou no passado - a aliança- agora torna-se presente no aqui e agora da celebração litúrgica sacramental.<sup>109</sup>

---

<sup>107</sup> KLOPPENBURG Boaventura Frei. **O Ser do Padre**. Petrópolis: Vozes 1972, p. 80.

<sup>108</sup> LORSCHIEDER, Aloísio. **Identidade e Espiritualidade do Padre diocesano**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 66.

<sup>109</sup> LORSCHIEDER, 2007, p. 67.

A terceira tarefa é apascentar o rebanho do Senhor sempre cultivando a ascese do Bom Pastor, renunciando a vantagens pessoais e não procurando o que é útil e agradável, para si, mas o útil e o necessário para a salvação de todo o povo. Dentro desta tarefa entra o exercício da caridade pastoral, que o documento de Puebla resume em três tópicos.

O primeiro fala de “Ir à frente das ovelhas”, ficando atento nos caminhos por onde os fiéis transitam, a fim de que unidos pelo Espírito deem testemunho de sua vida. O segundo “Dar a vida” doar-se ou se preciso for morrer a cada dia para o cumprimento dos seus deveres. E o terceiro “Conhecer as ovelhas e ser por elas conhecido” no envolver-se com todos e amá-los de forma a não ser servido mas para servir e dar a vida pelo gênero humano (Puebla 682-684).<sup>110</sup>

Assim estas três tarefas do presbítero evangelizar, santificar e apascentar devem estar totalmente ligadas entre si. Os presbíteros que participam do múnus dos apóstolos, recebem de Deus a graça de serem ministros de Cristo entre os povos e, exercendo o sagrado múnus do Evangelho, por meio do Espírito Santo a oblação dos povos seja santificada.<sup>111</sup>

“Eu vos escrevi, e em parte com certa ousadia, mas no sentido de avivar vossa memória, em virtude da graça que me foi concedida por Deus de ser o ministro de Cristo Jesus para os gentios, a serviço do Evangelho de Deus, a fim de que a oblação dos gentios se torne agradável e santificada pelo Espírito Santo (Rm 15,16)”

O decreto *Presbyterorum Ordinis* que se apoia nesta citação de Rm 15,16 diz que o ministério presbiteral tem a sua fonte e o seu complemento no sacrifício de Cristo, único Mediador e que pelas suas mãos em nome de toda a Igreja, é oferecido na Eucaristia de modo incruento e sacramental. É através disso que se realiza o ministério dos presbíteros, pois seu serviço retira do Sacrifício de Cristo a sua força para que ofereçam a Deus toda a cidade redimida e a assembleia dos santos culminando assim na celebração do sacrifício eucarístico de Cristo (PO 2).<sup>112</sup>

O presbítero unido ao presbitério e ao seu Bispo constitui dentro da comunidade eclesial a partir do Espírito Santo o ministro de toda a

---

<sup>110</sup> LORSCHIEDER, 2007, p. 69.

<sup>111</sup> LORSCHIEDER, 2007, p. 71.

<sup>112</sup> LORSCHIEDER, 2007, p. 71.



obra Divina. Entre todos os presbíteros deve reinar a mais profunda fraternidade sacerdotal todos devem se amar profundamente em Cristo Jesus e assim nesta união e cooperação com o Bispo os presbíteros irão cada vez mais contribuir para a santificação. É nesta vivência fraterna, a partir da unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo que testemunharão Jesus Cristo com ardor missionário e sincera comunhão.<sup>113</sup>

#### 4.2 COMO O PRESBÍTERO PODE SER ANIMADOR

Neste mundo em que vivemos, formado de grandes e pequenas cidades, de vilas, de civilizações e costumes tão diversos podemos perceber que o presbítero é importante. A sua presença favorece o desenvolvimento temporal e espiritual de todos para a glória da Santíssima Trindade. E com seu ministério e carisma o presbítero pode guiar todas as pessoas em sua vocação promovendo a harmonia, o constante aperfeiçoamento da família e da comunidade, além de poder celebrar os sacramentos.

O decreto *Presbyterorum Ordinis*, falando sobre o ministério sacerdotal destaca a grandeza da missão do sacerdote que, tem por função enquanto educadores na fé cuidar, por si ou por outrem, que todos os fiéis cheguem no Espírito Santo a cultivar a vocação pessoal segundo o Evangelho, uma caridade sincera e operosa, e a liberdade, pela qual Cristo nos libertou (n. 6). O presbítero é o homem da caridade, pois promove já neste mundo os “novos céus e uma nova terra nos quais habitará a justiça” (2Pd 3,13), através de seu trabalho como animador.<sup>114</sup>

Sendo assim, o trabalho do sacerdote é animar espiritualmente a vida da Igreja particular. A sua função é fazer com que os diversos movimentos, encontros, equipes de casais, catequese, e cursos sejam dinâmicos e ativos na paróquia. Ele deve falar, e ensinar seja por meio do rádio da televisão nas homilias e encontros de modo a exercer o seu apostolado por todos os meios.

Ele “prega a Palavra, insiste oportuna e inoportunamente, repreende, ameaça, exorta com toda a paciência e empenho de instruir” (2Tm 4,2). Deve ser de fato um “servo” reservado para anunciar o Evangelho

---

<sup>113</sup> LORSCHIEDER, 2007, p. 49.

<sup>114</sup> RAHM, Pe. Haroldo, S, J. **É bom ser padre**. Edições Paulinas. São Paulo, 1975, p. 130.

de Deus e não ter nenhuma obrigação profissional, mas ser como Jesus, que abandonou a sua oficina de carpinteiro para pregar a Boa nova.<sup>115</sup>

Contudo o presbítero não está sozinho nesta “empreitada”, mas conta com a ajuda do leigo. Este por sua vez exerce seu apostolado na sociedade, na fábrica no lar, e em todos os lugares onde é difícil o sacerdote estar. O presbítero porém dá ao leigo a Palavra e os Sacramentos de modo a fornecer as condições de viver bem sua própria vocação, e pelo poder do Espírito adquirir as condições para ajudar a salvar o mundo. Conforme nos fala a *Lumen Gentium* (n. 28) e *Presbyterorum Ordinis* (n. 2).<sup>116</sup>

O presbítero é o distribuidor dos tesouros da Igreja, que decorrem dos méritos de Cristo para a salvação dos homens. Sendo “sacerdote de Deus”. A mim também ele ungiu e enviou. É também minha missão curar os enfermos de espírito e de coração, e de corpo, segundo a vontade de Deus. É Jesus que cura, mas serve-se de mim como seu instrumento e porta-voz, no meu mandato de evangelização e libertação, para edificação do seu Corpo (Ef 4,12), e a felicidade dos homens por ele amados.<sup>117</sup>

Pelo sacramento da Ordem o padre continua a dar ao Corpo Místico, o eterno Sacerdote, o verdadeiro Redentor através da ação invisível do Espírito. Os presbíteros devem ser um facho de luz que se doam e se dedicam pelo povo a eles confiado. Podemos dizer que “sacerdote santo, povo santo. Ele tem que alimentar dando-se a si mesmo, como o lendário pelicano, para a santidade dos outros. A exemplo “do Cura d’Ars, que arrancava, por assim dizer, a seu próprio corpo in orationi et jejunio (pela oração e pelo jejum) em vista da fecundidade de suas absolvições sacramentais”.<sup>118</sup>

Como é maravilhoso o ministério sacerdotal, através da consagração do seu corpo e alma para a missão, de modo a revelar o mistério da Trindade e levar o seu povo à consumação para a nova Jerusalém. Com isso podemos pensar na grandiosidade de poder ter um presbítero na Igreja e no mundo, pois é somente ele quem pode trazer Jesus através do Pão e do Vinho que são transubstanciados e divinizados. E poderemos através de sua bênção, mas acima de tudo pela Eucaristia, que está nas suas mãos consagradas, receber o Cristo.

---

<sup>115</sup> RAHM, 1975, p. 131.

<sup>116</sup> RAHM, 1975, p. 131.

<sup>117</sup> RAHM, 1975, p. 132.

<sup>118</sup> RAHM, 1975, p. 133.

Contudo o corpo dado por vós, deve ser o corpo do presbítero, ou seja, a sua vida o seu tempo e a sua disponibilidade; tudo é doado para a vida da Igreja. As palavras da Instituição da Eucaristia deixada por Jesus “Tomai todos e comei: Isto é o meu corpo, que será entregue por vós. E Tomai todos, e bebei: Este é o cálice do meu sangue, o sangue da nova e eterna aliança, que será derramado por vós e por todos para a remissão dos pecados. Fazei isto em memória de mim”, não são apenas uma fórmula de consagração, mas uma fórmula de vida.

Sendo assim, o presbítero como todos nós também podemos dizer ao Senhor: “Toma, isto é o meu corpo”. Pois, “em sua vida terrena, Jesus não fez todas as experiências humanas possíveis e imagináveis. Para começar foi um homem, não uma mulher, não viveu a condição de metade da humanidade; não era casado, não experimentou o que significa estar unido por toda a vida a outra criatura, ter filhos, ou pior, perder filhos; morreu muito jovem, não conheceu a velhice... Mas graças a Eucaristia ele faz todas essas experiências, vive na mulher a condição feminina, no enfermo, a enfermidade no idoso a velhice...”.<sup>119</sup> O que Cristo não pode viver segundo a carne, agora ele vive e experimenta como ressuscitado segundo o Espírito graças a comunhão que se dá pelas mãos do presbítero na missa.

O presbítero segundo o livro dos Atos dos apóstolos tem como missão pastorear o rebanho, e ser o seu guardião. E diante disso temos um fundamento bíblico que diz: “Estai atentos a vós mesmos e a todo o rebanho, nele o Espírito Santo vos constituiu guardiães, para apascentar a Igreja de Deus, que ele adquiriu para si pelo sangue do seu próprio Filho” (At 20,28). Esse versículo se encontra no contexto da despedida de Paulo dos cristãos de Éfeso, mais especificamente dos seus presbíteros (At 20, 17-37).

Os guardiães segundo Paulo são os responsáveis pelas comunidades cristãs, guiando-as e sustentando-as. Podem ser tanto os presbíteros (anciãos da comunidade como no modelo sinagoga) ou os episkopoi (inspetores ou supervisores). O que o apóstolo lhes transmite consiste no seu testemunho espiritual, modelo para o pastor cristão. Considera-se esse texto o “testamento pastoral de Paulo”, no qual apresenta os traços

---

<sup>119</sup> CANTALAMESSA, Raniero. **III Pregação da Quaresma do cardeal Cantalamessa**. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2022-03/terceira-pregacao-da-quaresma-2022-cardeal-cantalamesa.print.html>. Acesso: em 08 maio 2022.

marcantes de seu apostolado: serviço fiel e constante ao Senhor e pregação incansável do evangelho.<sup>120</sup>

Sendo este trabalho realizado na humildade e na perseverança em meio às diversas tribulações causadas pelos judeus, que não lhe perdoam a apostasia, e pelos conflitos emergentes nas comunidades por ele fundadas. Ele, no entanto, permanece firme na fé, demonstrando, a cada momento, mansidão, sociabilidade, afabilidade, brandura, delicadeza e amorosidade.<sup>121</sup>

No discurso de Paulo aparecem os traços característicos do verdadeiro pastor, que deve ser “homem libertado da auto-exaltação”, ou seja, não centrado em si mesmo e nos seus próprios interesses, mas “dedicado com todo empenho e entrega afetiva aos outros homens”. O apóstolo acentua as características essenciais dos pastores, dos guardiães das comunidades: são discípulos do Senhor, pastores que cuidam do rebanho com solicitude e amor sincero.<sup>122</sup>

Em At 20,28 encontramos a palavra crucial de Paulo aos presbíteros, desejando-lhes que continuem seu labor e serviço apaixonado à Palavra da graça na comunidade, que pertence não aos presbíteros, mas ao próprio Deus, que a conquistou com o sangue do seu próprio Filho. Ao se despedir, Paulo lembra aos presbíteros que devem dar conta daqueles que lhes são confiados. Respondem, ainda, a Deus pela comunidade na qual realizam sua missão. O Espírito Santo os constituiu como guardiães da comunidade cristã, da ekklêsia, assembleia de Deus.<sup>123</sup>

Ao definir o estatuto exigente dos presbíteros, Paulo os recomenda à Palavra do Senhor, para que não desanimem frente aos desafios. A confiança deve ser posta no Senhor. A palavra da salvação não vem dos presbíteros, mas do Senhor que capacita os líderes para construir e animar a comunidade. Estão a serviço da Palavra e de sua eficácia salvífica. Tal palavra não se traduz num conjunto de doutrinas ou em ideologias, mas é a própria graça de Deus em ação para que a construção da comunidade seja sólida e bem fundada (cf. 1 Cor 3,10) e garantia de um futuro salvífico.<sup>124</sup>

A exemplo de Jesus, o presbítero deve buscar preferencialmente os que sofrem necessidade física e espiritual, ajudando a todos com sua

---

<sup>120</sup> FABRIS, Rinaldo. **Os Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Loyola, 1991, p. 366.

<sup>121</sup> FABRIS, 1991, p. 367.

<sup>122</sup> FABRIS, 1991, p. 367.

<sup>123</sup> FABRIS, 1991, p. 369.

<sup>124</sup> FABRIS, 1991, p. 371.

assistência, seu conselho, sua palavra. É importante também que ele esteja presente, à disposição, de todos mesmo se não tenha uma resposta para os problemas que encontra. Seu serviço é de amor e de doação aos mais frágeis pobres, fracos e perdidos. Outra função do presbítero como animador é congregar e unir a todos no mesmo rebanho, em torno do único pastor, Jesus Cristo.

No mundo em que vivemos percebemos que as pessoas estão à procura daquilo que lhes convêm, não se preocupam com os demais e acabam vivendo de maneira isolada. Diante desta realidade a presença do presbítero é de suma importância, diante do individualismo e do isolamento da sociedade. É ele quem deve chamar a comunidade a viver na fraternidade, no amor recíproco e gratuito de maneira a formar unidade na comunidade, diante desse mundo marcado pelo materialismo, hedonismo e pelo autoritarismo.<sup>125</sup>

O presbítero deve de incentivar todos os fiéis a participar na vida da paróquia no que diz respeito às pastorais movimentos e ministérios. Tudo isso é claro em sintonia com a diocese e o seu Bispo, de forma construir uma verdadeira comunhão na Igreja que lhe foi confiada.

“O pároco reconheça e promova a parte própria que os fiéis leigos têm na missão da Igreja, incentivando suas associações que se propõem finalidades religiosas. Coopere com o próprio Bispo e com o presbitério da diocese, trabalhando para que também os fiéis sejam solícitos em prol do espírito de comunhão na paróquia, sintam-se membros da diocese e da Igreja universal e participem ou colaborem nas obras destinadas a promover essa comunhão.”<sup>126</sup>

O presbítero precisa estar dentro da realidade do seu povo, caso contrário estaria traindo sua própria vocação de criar comunhão. A sua missão não é estar longe do povo ou se separar, mas estar junto com ele, sentindo suas dores, alegrias e esperanças.

E é isso que nos propõe o Concílio Vaticano II quando afirma: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de

---

<sup>125</sup> PSCHEIDT, Vilnei Carlos. **A espiritualidade do presbítero diocesano**. 2006, p 13-14. Trabalho de Conclusão de Curso de Teologia [Bacharelado] – Fundação Dom Jaime Câmara Instituto Teológico de Santa Catarina, 2006.

<sup>126</sup> Código de Direito Canônico. São Paulo: Loyola, 1983. p. 251; CDC 529.

hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angustias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração”.<sup>127</sup> Sendo assim a sua presença é de extrema importância, no meio das crianças, jovens adultos, idosos, pobres, ricos, favelados empresários, presos, etc.<sup>128</sup>

Diante disso o presbítero deve ter uma atenção maior, assim como o próprio Mestre tinha com seu povo em relação a sua linguagem. Jesus é o mestre em falar das coisas do cotidiano como por exemplo da parábola da semente de mostarda, ele retira seu ensinamento da experiência da vida do povo simples e assim, sabe o jeito de se comunicar e anunciar o Reino.

Sendo assim o presbítero só poderá animar a sua comunidade falando a linguagem que o povo entende. E isso fica evidente em cada realidade e circunstância, que o povo vive, pois não se pode utilizar palavras difíceis que o povo, não possa compreender, mas deve-se falar através da sua realidade.

Infelizmente hoje muitos padres e religiosos ficam para trás, já que não acompanham a vida e a história do seu povo. E por vezes falam uma linguagem que as pessoas não entendem, ou até mesmo se utilizam de moralismos, que em vez de reunir o rebanho acabam dispersando. “O Pastor precisa aprender de seu povo, não pode estar alheio”. Por isso o presbítero de hoje precisa desse amor como o do Bom pastor para poder transformar a sociedade, num mundo melhor.<sup>129</sup>

### 4.3 COMO O PARÁCLITO INFLUÊNCIA NA VIDA DO PRESBÍTERO

Podemos perceber a ação do Paráclito na comunidade cristã: “Rogarei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito para que convosco permaneça para sempre. É ele o Espírito da verdade, aquele que o mundo é incapaz de acolher, porque não o vê e não o conhece. Quanto a vós, vós o conheceis, pois ele permanece junto de vós e está em vós” (Jo 14,16-17).

A palavra Paráclito, pode ser traduzida por Advogado e Conselheiro. E sua origem vem da prática tribal de Israel na figura do go’el.

---

<sup>127</sup> GAUDIUM ET SPES, n .01

<sup>128</sup> PSCHEIDT, 2006, p. 15.

<sup>129</sup> PSCHEIDT, 2006, p. 34.

No tempo tribal, o go'el era o defensor, aquele que restabelecia o direito do prejudicado, sendo o parente próximo que vingava o sangue do injustiçado, e aquele que resgatava o prisioneiro e a terra que estavam penhorados por dívida. E no período do exílio, o título de go'el ganhou um sentido novo foi atribuído a Deus que resgatou o seu povo (Is 41,14;43,14;44, 6.24;48,17).<sup>130</sup>

No Novo Testamento, a figura do Paráclito também recebe estas mesmas características do go'el que na realidade são os mesmos atributos de Deus Pai e do Filho. Sendo assim o Paráclito é aquele que ensina, é profeta, defensor, advogado e testemunha. Ele anuncia e denuncia, estando presente no trabalho e na vida do dia-a-dia de todos aqueles que aderem ao projeto de Jesus. E assim se compreende que o Espírito Santo é o Espírito de Jesus, o Verbo encarnado na história de homens e mulheres: todo espírito que confessa Jesus Cristo veio na carne é de Deus (1 Jo 4,2).<sup>131</sup>

Diante do contexto de perseguição e sofrimento das primeiras comunidades as pessoas experimentavam a presença de Deus nas coisas mais simples da vida. Foi no modo de falar, rezar, caminhar, servir, amar, ficar alegre, isso fez com que as comunidades resistissem e refizessem a própria vida. Tinham a certeza de que o Paráclito estava junto de todos e dava coragem para prosseguirem na caminhada.

Dessa forma o Paráclito também atua na vida do presbítero de modo que ele possa também a caminhar com as pessoas e ajudá-las. Hoje a nossa sociedade sendo muito marcada pelo individualismo, gera muitas consequências adversas. Em muitas casas e famílias há o fantasma do desemprego, a violência que toma conta de nossas cidades, os assaltos e sequestros são cada vez mais corriqueiros, não há melhoria nos salários que fazem parte do cotidiano das pessoas, entre tantas outras coisas.

O fato é que temos um ser humano humilhado sem condições de vida digna. Nesse contexto vejo como a presença do Paráclito como sendo o defensor que age e atua também por meio do presbítero pode ser um sinal de perspectiva e ajuda para tantas pessoas que vivem neste

---

<sup>130</sup> NAKANOSE, Sigeyuki; MARQUES, Maria Antônia. Recebi o Espírito Santo...: Uma leitura do Evangelho de João 20, 19-23. ESPAÇOS-Revista de Teologia e Cultura, v. 8, n. 1, p. 25-35, 2000. Disponível em: <https://espacos.itespteologia.com.br/espacos/article/614/502>. Acesso em: 14 maio 2022.

<sup>131</sup> NAKANOSE, 2000, p. 34.

tipo de situação. O presbítero deve ser o homem que cria pontes e ajuda as pessoas a buscarem um pouco mais de dignidade e esperança para sua vida e não ser o primeiro desmotivador em uma comunidade.

O Espírito Santo é dado por Jesus depois de sua morte redentora aos seus discípulos e apóstolos na festa de Pentecostes. Eles são os primeiros a receber o Espírito para serem os pastores da Igreja. O fruto desse Espírito recebido segundo a Carta de São Paulo aos Gálatas é: “caridade, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e temperança” (Gal 5,22). E tendo recebido este Dom os pastores com seus carismas são revestidos de poder e humildade.<sup>132</sup>

O sacerdote no momento da ordenação é ungido pelo poder do Espírito Santo, que é o Paráclito - Dom do Cristo Ressuscitado - que o faz para sempre um ministro de Cristo e da Igreja. E, através deste Espírito o sacerdote recebe a luz e a força para realizar sua missão, imitando sempre o Cristo. A partir do seu caráter sacramental o sacerdote está sempre em comunhão com o Paráclito seja na Liturgia, na Eucaristia ou nos sacramentos, e assim, Cristo através do Espírito vai agindo com sua graça e força na vida do sacerdote para que aja *in persona Christi*.

Podemos ainda perceber a presença e potência do Espírito por meio do sacerdote na Oração Eucarística, quando este pronuncia as palavras de Jesus fazendo com que aconteça a transubstanciação do pão e do vinho no Corpo e no Sangue de Cristo. Assim é na comunhão com o Espírito Santo que o sacerdote vai encontrar a força necessária, para conduzir a comunidade e manter a unidade dos fiéis a fim de que o mundo possa crer que o Pai enviou o seu Filho para a salvação de todos.<sup>133</sup>

É o Espírito Santo quem anima a Igreja e faz com que ela nunca deixe de existir. A antiga aliança era em vista da realização do desígnio salvífico de Deus em Cristo e no Espírito Santo e dava-se de modo profético. Agora a nova e eterna Aliança que se realiza na Igreja acontece por intermédio de um ministério apostólico. A Nova Aliança pressupõe uma comunhão entre o Espírito Santo e a instituição apostólica. E essa

---

<sup>132</sup> HERDER. **A fé para adultos: o novo catecismo**. São Paulo: Herder, 1969, p. 233.

<sup>133</sup> CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros**. Disponível em: <[http://www.vatica.va/roman\\_curia/congregations/ccclergy/documents/rc\\_con\\_ccclergy\\_doc\\_20130211\\_direttorio-presbiteri\\_po.html](http://www.vatica.va/roman_curia/congregations/ccclergy/documents/rc_con_ccclergy_doc_20130211_direttorio-presbiteri_po.html)>. Acesso em 08 fev. 2022.



comunhão acontece pela união entre o Espírito e Jesus na encarnação do Verbo e no seu batismo, nas águas do rio Jordão.

Diante disso através do Espírito Divino e a humanidade assumida pelo Verbo é que se iniciam as ordens sacramentais e ministeriais. Com efeito, “se o Espírito Santo veio sobre Maria com vistas à concepção, ele vem sobre Jesus, no batismo, com vistas à sua consagração ao ministério messiânico, também essa união com o Espírito se manifestou em Pentecostes onde todos foram batizados no Espírito Santo (At 1,5), para que saíssem do lugar no qual se encontravam e assumissem a missão”.<sup>134</sup>

O Evangelho de João, diz que “o apóstolo prenuncia a união do Espírito Santo e do Corpo Apostólico, pois quando vier o Paráclito, que vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da Verdade, que procede do Pai, ele testemunhará a meu respeito, e vós também testemunhareis, porque estais comigo desde o princípio” (Jo15,26-27). É o Paráclito que vem dar movimento, vida ao corpo, aos sacramentos e ao ministério apostólico que já foi constituído por Cristo.<sup>135</sup>

Congar nos assegura que diante daquela assembleia que aconteceu em Jerusalém, entre os apóstolos e os presbíteros da Igreja e os representantes da Igreja de Antioquia, fala-se sobre uma espécie de Sinédrio que era composto por apóstolos e presbíteros. “A decisão é tomada em comunhão com o próprio Espírito Santo, primeiro personagem desse conselho, se ousar dizer, que da decisão está fundamentada conjuntamente nos apóstolos e presbíteros”.<sup>136</sup>

A missão de Cristo é continuada na missão do Espírito, que tem por finalidade animar, fortalecer e conduzir a Igreja. Aqui entra a missão do presbítero com seus carisma, com o objetivo de ser instrumento de mediação entre Cristo e a humanidade para assim construir juntos a Igreja. E assim Cristo continua sua missão na Igreja, de modo invisível e externamente de modo visível, pois após sua ascensão à direita do Pai o Verbo realiza sua mediação através de seus dois enviados o Espírito e o Corpo apostólico que atuam pela pregação da Palavra, na Eucaristia e pelos sacramentos.

---

<sup>134</sup> EING, 2019, p. 142.

<sup>135</sup> EING, 2019, p. 143.

<sup>136</sup> EING, 2019, p. 143.

O “carisma”<sup>137</sup> na vida do presbítero deve ter uma importância fundamental, pois é o Espírito Santo Paráclito que atua por meio deste serviço e mostra o caminho. O termo carisma significa um talento para uma determinada atividade seja ela social ou política. Carisma é antes de tudo o dom de Deus que é o Espírito Santo, pedido por Jesus ao Pai para que os seus discípulos, pudessem ensinar, recordar, comunicar, e fazer conhecer, a plena verdade.<sup>138</sup>

Como graças de Deus os carismas são “dons diferentes segundo a graça que nos foi dada” (Rm 12,6). O carisma sendo um dom divino é distribuído às pessoas conforme a vontade de Deus e sua fonte é o Espírito Santo o Paráclito.<sup>139</sup> Podemos ver muito bem isso na Primeira Epístola aos Coríntios da qual fala:

“Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo; diversos modos de ação, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos. A um o Espírito dá a mensagem de sabedoria, a outro, a palavra de ciência segundo o mesmo Espírito; a outro o mesmo Espírito dá a fé; a outro ainda o único e mesmo Espírito concede o dom das curas; a outro o poder de fazer milagres; a outro, a profecia, a outro o discernimento dos espíritos; a outro o dom de falar em línguas, a outro ainda o dom de as interpretar. Mas é o único e mesmo Espírito que isso tudo realiza, distribuindo a cada um os seus dons, conforme lhe apraz”.<sup>140</sup>

Diante do exposto podemos dizer que o carisma brota do Espírito Santo, em cada pessoa. Os carismas são visíveis e a graça de Deus em nós é invisível e isso acontece de muitos modos. Entre eles está o serviço feito com amor no dia a dia, seja prestado pelo padre numa paróquia

---

<sup>137</sup> O Catecismo da Igreja Católica (CIC) define os carismas como “graças do Espírito Santo que, direta ou indiretamente, têm uma utilidade eclesial, pois são ordenados à edificação da Igreja, ao bem dos homens e às necessidades do mundo” (CIC 799)

<sup>138</sup> LIBANIO, J.B. **Deus Espírito Santo**. São Paulo: Paulinas: Família Cristã, 2000, p. 82.

<sup>139</sup> LIBANIO, 2000, p. 83.

<sup>140</sup> BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Edições Paulinas, 1973; 1 Cor 12, 4-11.

em uma comunidade ou a seus irmãos, sendo aquela pessoa que visita os irmãos sem pretensão os carentes, os doentes e que leva alegria aos tristes, ou uma palavra de conforto, de ajuda a quem esteja em uma tribulação. Tudo isso faz parte do carisma não feito por simples obrigação ou interesse, mas por amor.

Ainda falando sobre os carismas Congar, diz são “talentos que o Espírito orienta para a construção do Corpo de Cristo, são o princípio de uma Igreja que renasce a partir de sua base”<sup>141</sup>. Podemos dizer que a Igreja de Cristo é uma só, universal, para todos, um só Deus unido em um só povo, o Cordeiro sem mancha que foi oferecido por todos, e pelo qual somos irmãos de Cristo, membros de um só corpo, mas com diferentes funções, órgãos e membros distintos.

O presbítero estando imbuído do Espírito tem a capacidade de perceber os carismas e dons que os fiéis possuem para assim pô-los em prática. Se uma pessoa não tem o carisma para determinada tarefa não deve exercer a respectiva função.

Por fim, os carismas e a sua vivência devem estar alicerçados na caridade. Sem o amor tudo perde o sentido. Paulo afirma que se conhecêssemos todos os ministérios e toda a ciência de nada valeria sem a caridade. “A caridade jamais passará” (1 Cor 13,8). E vai ser o amor que dará sentido a todos os outros dons, pois Deus é amor, e quem não ama não o conhece (1Jo 4,8).

Aqui entra o papel do Paráclito com seus sete dons que vai ajudar o padre ou quem se encontrar aberto para essa graça de humanização e para a dilatação do plano salvífico de Deus. De fato, é no Espírito Santo que encontramos o amor Supremo entre o Pai e o Filho. Foi o Espírito que realizou a encarnação de Jesus no seio de Maria. Ele sempre esteve presente na missão salvífica de Cristo, assim todos nós precisamos do Espírito de Jesus, para nos enriquecer com seus sete dons, para continuarmos a sua missão e realizar as suas obras.

---

<sup>141</sup> CONGAR, Yves. **A Palavra e o Espírito**. Tradução Luiz J. Baraúna. São Paulo: Edições Loyola, 1989, p. 97.





## 5 CONCLUSÃO

Foi tratado nesse trabalho monográfico o tema da Espiritualidade Trinitária do presbítero diocesano, trazendo à tona o que realmente é a identidade do presbítero diocesano em sua práxis do Evangelho no seu cotidiano. Sabemos que é um tema bastante interessante, pois vem ao encontro da realidade de muitos presbíteros que assumem o ministério ordenado como padres diocesanos, e que serão ou é a presença da Trindade na vida das pessoas.

Nesse trabalho monográfico foi oferecido, nos três capítulos, algumas pistas, segundo os ensinamentos bíblicos, do Concílio, dos documentos da Igreja e demais autores que são mestres, para poder iluminar a quem ler essa monografia e o que é realmente viver como padre diocesano no mundo.

É um tema que chamou atenção pelo seu valor espiritual e vivencial. É algo que me fez refletir e rezar, pois em primeiro lugar o presbítero deve ser homem da oração e que parte para ação: são as duas pernas do presbítero para poder caminhar nos passos de Jesus de Nazaré.

Também não poderia deixar de mencionar a figura de Maria que foi exemplo de relação plena com as três pessoas divinas. Através de seu sim tornou-se a colaboradora da obra divina colocando-se atrás de Jesus, aos pés da cruz e no seu silêncio possibilitou a presença de Cristo. Tendo-a como mãe, amiga, irmã e companheira o presbítero deve tornar-se como Maria transparente diante do único sacerdócio de Cristo.

Sabe-se que todo trabalho tem sua limitação e com certeza também esse o tem. Seria possível incluir tantos outros autores, pensadores e teólogos ou até mesmo ter aprofundado melhor algum tema. Mas todo o seu conteúdo corresponde a questões atuais e as esclarece de maneira nítida e transparente.

Espera-se que todos que usarem este trabalho monográfico possam crescer um pouco mais no entendimento da vida espiritual do presbítero diocesano, pois, particularmente para mim durante a elaboração do mesmo, pude clarear muitas dúvidas e melhorar a própria vida espiritual. Com certeza todos os que utilizarem do mesmo possam compreender o valor inestimável da vida espiritual do ministério ordenado.

A pesquisa tinha como objetivo final responder a seguinte problemática: Como a espiritualidade Trinitária contribui para a vida e o ministério do presbítero, de forma a fazer uma experiência tão profunda, efetiva e afetiva de Deus, na sua ação pastoral? Diante das pesquisas realizadas, pode-se afirmar que os objetivos foram atingidos.

Com isso faço minhas considerações finais, sabendo que tudo o que foi escrito quer refletir a Teologia que estudei durante estes quatro anos, mas sobretudo com a disciplina de teologia Trinitária pela qual me inspirou a escrever sobre o tema. Percebi que os estudos da Teologia me ajudaram a delinear melhor minha caminhada para Deus.

Posso dizer que a simplicidade e a força de querer ser melhor já reflete a caminhada para Deus num coração sincero na busca de corresponder melhor ao seu projeto, através de uma vida de santidade, mas tudo isso é claro, seguindo os passos da Santíssima Trindade. Dada a relevância do tema, motiva-se ao leitor a continuação desta pesquisa, objetivando apresentar mais reflexões sobre a espiritualidade Trinitária do presbítero diocesano e buscando sempre adorar o centro da fé, a Santíssima Trindade.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **A Trindade**. Tradução do original latino e introdução Agostinho Belmonte; revisão e notas complementares Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1994.

ALVES, Leandro Eduardo. **Sobre a providência, as obras de Deus e a liberdade humana**. Google Acadêmico, 2010. Disponível em: <<https://repas.com.br/revista/index.php/repas/article/view/60>>. Acesso em 19 fev. 2022.

ARINZE, Francis. **Reflexões sobre o sacerdócio: carta a um jovem padre**. Tradução José Dias Goulart. São Paulo: Paulus, 2009.

BESEN, José Artulino. **Com Francisco viver a misericórdia**. III ed. Faculdade Católica de Santa Catarina, Arquidiocese de Florianópolis, nov. 2015.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Edições Paulinas, 1973.

BRIGHENTI, Agenor. **O novo rosto do clero**. Perfil dos padres novos no Brasil/ Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2021.

CANTALAMESSA, Raniero. **III Pregação da Quaresma do cardeal Cantalamessa**. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2022-03/terceira-pregacao-da-quaresma-2022-cardeal-cantalamessa.print.html>. Acesso em: 08 maio 2022.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

CIFUENTES, Llano Rafael. **Sacerdotes para o terceiro milênio**. Aparecida, São Paulo: editora Santuário, 2009.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo: Loyola, 1983.

CONGAR, Yves. **A Palavra e o Espírito**. Tradução Luiz J. Baraúna. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Presbíteros segundo o coração de Jesus para o mundo de Hoje**- II seminário



rio sobre a formação presbiteral da Igreja no Brasil: Brasília, Edições CNBB, 2015.

**CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros.** Disponível

em:<[http://www.vatic.va/roman\\_curia/congregations/cclergy/documents/rc\\_con\\_cclergy\\_doc\\_20130211\\_direttorio-presbiteri\\_po.html](http://www.vatic.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_cclergy_doc_20130211_direttorio-presbiteri_po.html)>. Acesso em 08 fev. 2022.

\_\_\_\_\_. **O presbítero mestre da palavra ministro dos sacramentos e guia da comunidade em vista do terceiro milênio**, 1999.

\_\_\_\_\_. **Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros Tota Ecclesia.**

DOCUMENTO DE APARECIDA. **Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe.** Tradução Luiz Alexandre Solano Rossi. Edições CNBB, Paulinas, Paulus. 4. ed, 2007.

DOCUMENTOS do Concílio Ecumênico Vaticano. **Presbyterorum Ordinis**, (1962- 1965) [organização geral Lourenço Costa Tipografia Poliglota Vaticana]. São Paulo: Paulus, 1997 n. 6, p. 502-505 (Documentos da Igreja).

DURRWELL, François-Xavier. **O Pai: Deus em seu mistério.** Tradução Benôni Lemos; revisão H. Dalbosco. São Paulo: Paulinas, 1990.

EING, Ademir. **O ministério presbiteral em uma Igreja toda ministerial do pensamento de Yves Congar a responsabilidade do presbítero na promoção da ministerialidade eclesial.** Doutorado em teologia PUCPR, Curitiba, 2019.

FABRIS, Rinaldo. **Os Atos dos Apóstolos.** São Paulo: Loyola, 1991.

FELLER, Vitor Galdino. **Ser Padre hoje.** São Paulo: Ave-Maria, 2013.

FRANCISCO. **Catequese sobre o Pai nosso – 13 Audiência Geral, Vaticano, 24 de abril de 2019.** Disponível em:

<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-05/papa-francisco-catequeses-pai-nosso-audiencia-geral.html>. Acesso em 19 mar.2022.

HERDER. **A fé para adultos: o novo catecismo**. São Paulo: Herder 1969.

HOMILIA DO PAPA BENTO XVI DURANTE A CONCELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA PARA A ORDENAÇÃO DE 22 SACERDOTES NO DOMINGO DO BOM PASTOR. Domingo, 29 de abril de 2007. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2007/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20070429\\_priestly-ordination.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2007/documents/hf_ben-xvi_hom_20070429_priestly-ordination.html). Acesso em 30 abr. 2022. São Paulo, 1969.

KLOPPENBURG Boaventura Frei. **O Ser do Padre**. Petrópolis: Vozes 1972.

LIBANIO, J.B. **Deus Espírito Santo**. São Paulo: Paulinas: Família Cristã, 2000.

LORSCHIEDER, Aloísio. **Identidade e Espiritualidade do Padre diocesano**. 2.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

MAIA, Gilson Luiz. **O Pai-Nosso: palavra por palavra**. 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2020.

MOLTMANN, Jurgen. **Trindade e Reino de Deus**. Tradução de Ivo Martinazzo /revisão da tradução Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2000.

MONDIN, Battista. **Quem é Deus? Elementos de teologia filosófica**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1997.

NAKANOSE, Sigeyuki; MARQUES, Maria Antônia. RECEBEI O ESPÍRITO SANTO...: Uma leitura do Evangelho de João 20, 19 23. **ESPAÇOS-Revista de Teologia e Cultura**, v. 8, n. 1, p. 25-35, 2000. Disponível em: <https://espacos.itespteologia.com.br/espacos/article/614/502>. Acesso em 14 maio 2022.

SCIADINI, P. **Espiritualidade do avental**. São Paulo: Loyola, 2007.

JOÃO PAULO II, Papa, 1920. **Dom e Mistério: por ocasião do 50 aniversário da minha ordenação sacerdotal**. Tradução; Departamento de Língua Portuguesa da Secretaria do Estado do Vaticano. São Paulo, Paulinas, 1996.

PSCHEIDT, Vilnei Carlos. **A espiritualidade do presbítero diocesano**. 2006, p 13-14. Trabalho de Conclusão de Curso de Teologia [Bacharelado] – Fundação Dom Jaime Câmara Instituto Teológico de Santa Catarina, 2006.

PUEBLA. **A Evangelização no presente e no futuro da América Latina**. Editora Vozes Ltda. 1980, n.241.

RAHM, Pe. Haroldo, S, J. **É bom ser padre**. São Paulo: Edições Paulinas, 1975.

RUBIO, Afonso García. **Unidade na pluralidade: o ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2001, p. 229. Coleção teologia sistemática.

URIARTE, Juan María. **A missão do presbítero, servir como pastor**. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2013.